

# Em busca do Amor



Juliana Lima Brum







## Capítulo 1

“...e viveram felizes para sempre”. Essa frase não sai da minha cabeça desde que eu

tinha cinco anos. Eu adorava ficar imaginando como seria meu futuro encantado.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Sonhava acordada com o meu príncipe, meus filhos, meu castelo e toda a vida feliz e

cor de rosa que eu merecia. Ledo engano. Hoje completo 30 anos, minha vida por um

lado é boa, muitas mulheres morreriam para ter o que tenho. Sou bonita, inteligente,

bem sucedida profissionalmente, estou noiva do solteiro mais cobiçado de São Paulo, e,

para terminar, ainda tenho os pais mais amorosos e parceiros que a vida poderia me dar.

Mas falta algo, sinto um vazio, é como se minha alma me chamasse, tentasse me dar um

recado. E essa agonia, essa busca, esse vazio tem me atormentado dia e noite.

Meu nome é Paola Mantovani, editora chefe de moda e comportamento de uma das

revistas femininas de maior circulação do país. Sou poliglota, falo inglês, italiano,

espanhol e francês fluentemente. Cresci no bairro nobre de São Paulo, estudei nas

melhores escolas da capital paulistana, frequentei as melhores festas, e vivo num círculo

social de dar inveja a qualquer Paris Hilton. Viajei pelo mundo, namorei os melhores

partidos do país, fui esportista, líder de torcida, presidente do grêmio estudantil,

despertei paixões e frustrações em muitos homens. Consegui chegar onde

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

queria: chefe

da revista feminina mais lida no Brasil. Posso ditar moda e comportamento, e ainda, ser

respeitada pelo meu trabalho.

Estou me arrumando para a minha festa de aniversário. Trinta anos, mas com carinha e

corpinho de 20, pelo menos é o que todos comentam. Afinal, passo horas malhando,

fazendo spinning e yoga, o resultado não poderia ser diferente. Amo chocolate. Sei que

é meu maior inimigo, então, só me permito comer um bombom, e de 15 em 15 dias.

Enfim, nem tudo é perfeito.

Meu noivo, Paulo Henrique Guimarães, empresário no ramo de automóveis, herdeiro de

uma das maiores fortunas do país; além de lindo e inteligente, me ama. Nos

conhecemos por intermédio de amigos; conversamos, nos identificamos e logo nos

tornamos o casal mais invejado do momento. Não demorou a decidirmos noivar, e em

breve nos casar. Afinal, já estou com 30, tenho tudo que preciso, e logo a idade fica

avançada para ter meus tão sonhados filhos. Paulo é atencioso, gosta de viajar, motivo

que faz com que a gente se veja pouco, mas quando preciso ele está por perto.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Tenho

certeza que será um bom casamento, acho, ou melhor, sei que vamos ser felizes.

Fiquei aqui pensando em como minha vida é “perfeita” e me esqueci de fazer o cabelo.

E agora? Como vou aparecer na minha festa de aniversário sem meus famosos

cachinhos. Isso me faz lembrar minha infância. Como era bom ficar deitada no colo da

vovó enquanto ela enrolava com os dedos meus cachos, era tão confortante e ficava

lindo. Hoje, eu me mato com esses aparelhos de babyliiss e cia. E o resultado não é o

mesmo.

Que saudades da minha infância, da minha avó, sempre pronta para me dar colo e um

cafuné. Tudo era tão simples, eu não precisava de muito para estar feliz. Por que quando

cremosco tudo fica tão complicado? Parece que perdemos o feeling, que não conseguimos mais enxergar o que é essencial e verdadeiro.

Me sinto uma prisioneira. Começo a ver que represento. É isso! Representamos

24 horas, e não conseguimos expressar e vivenciar o que realmente importa. Não damos

voz para a nossa alma, porque ela sabe o que é melhor. Como foi que perdi  
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

aquela

espontaneidade de quando era criança? Eu fazia tudo que queria. Gritava, pulava, corria,

caia no chão, comia doce, tomava refrigerante, dançava na chuva, sorria sem motivo.

Como eu era feliz. E agora? Eu me transformei numa mulher blindada. Não tenho

tempo para fazer o que realmente gosto. Na verdade, nem sei mais o que eu gosto. Eu

me padronizei, me deixei levar pelos costumes e modelos sociais. O que ditam como

certo e conveniente, eu faço.

Estudei, viajei, namorei, cresci profissionalmente, vou me casar com um modelo de

homem perfeito. E daí? Me sinto vazia. Completo 30 anos e constato que não vivi,

apenas segui padrões, me transformei em alguém que achei que era o certo, ou melhor,

que as pessoas aceitariam como modelo de sucesso.

Me olhando no espelho agora, cabelo enrolado, olhar distante, uma lágrima no canto

dos olhos; me lembro do dia em que a vovó contou uma historinha para mim. Era sobre

uma princesa linda, cheia de sonhos e coragem, que saiu pelo mundo em busca do

verdadeiro amor. Eu ouvia cada palavra com tanto entusiasmo, eu imaginava cada ato,

cada respiração e sentimento daquela princesinha. E sonhava um dia ser como ela.

Mas o que foi que eu fiz? Em que momento da minha vida eu me perdi da princesinha?

Quando foi que eu deixei meus sonhos de lado? Por que não busquei o amor verdadeiro? E afinal, o que é o amor verdadeiro? Eu não sei o que é amor. Eu amo meus

pais, amigos, meu trabalho. Mas não sei o que é amar e ser amada por um homem.

Tenho carinho, afinidade, desejo pelo meu noivo. Mas amor, isso nunca senti, nem por

ele e nem por homem nenhum.

Será que é isso? Esse vazio, essa inquietação da minha alma, essa busca por algo que eu

não sei o que é. Claro! Eu devo buscar o amor, seu significado, sua importância na vida.

Eu vou seguir meu coração, e como a princesinha, vou em busca do verdadeiro amor.

Senti uma força tão grande, um entusiasmo, uma certeza que nunca tinha sentido. Sem

muito pestanejar, me arrumei, descii e recebi meus convidados. Foi uma noite linda.

Todos meus amigos, parentes, colegas de trabalho, e alguns rostos não muito



conhecidos estavam presentes. E naquele instante pude constatar que aquela não era a

vida que eu sonhava, eu estava no enredo errado, era hora de mudar.

Resolvi jogar tudo para o alto e seguir meu coração. Não sabia aonde chegaria, e nem o

que eu encontraria, só sabia que tinha que me permitir: sentir, arriscar, vivenciar cada

instante, me doar. Era isso: doar amor. Como não tinha percebido algo tão simples, e tão

fácil de fazer. A caridade, a doação, isso sim é real, vale a pena.

Como fui egoísta esses anos todos. Só pensei no meu sucesso, minha felicidade, minha

realização profissional e pessoal, e esqueci que não existe um mundo só para mim. Eu

preciso do outro para existir. Eu vou mudar, me reciclar. Vou me jogar na vida, seguir

meus instintos e ser feliz.

Aproveitei a noite do meu aniversário como há muito tempo não me permitia. Comi

bolo, tomei refrigerante, devorei vários brigadeiros, dancei descalça, ri com os meus

amigos. Eu estava feliz. Como era boa a sensação de estar viva, de não me preocupar

com que vão achar ou pensar de mim. Naquele momento me reencontrei com a

princesinha que havia abandonado na minha infância. E ali, rindo e dançando, sorrindo

e festejando, tomei a decisão mais importante e acertada: enterrei aquele mundo “cor de

rosa” e falso que criei durante anos na minha vida.

Chamei meu noivo no canto, o observei por alguns segundos. Ele era lindo

esteticamente: moreno, alto, corpo atlético, sorriso perfeito e um charme próprio que

deixaria qualquer mulher apaixonada em segundos. Mas ali, naquele momento, eu tive a

certeza: eu nunca o amei. Ele não me provocava frio na barriga, não me deixava sem ar,

e muito menos ficaria triste ao imaginar minha vida sem ele.

Sem muita enrolação fui direto ao assunto. Procurei usar palavras amenas, mas não

existem palavras certas, ou menos dolorosas, quando vamos terminar um

relacionamento. Expus meus sentimentos, falei dos meus sonhos, e da minha vontade de

mudar, de buscar minha felicidade. Ele primeiro riu, depois quando viu que eu falava

sério, me olhou bem dentro dos olhos e de maneira fria e cortante disparou:

– Você não sabe o que está perdendo. A vida te deu a maior chance de ser feliz. Muitas

mulheres morreriam para estar no seu lugar. Tenho tudo que uma mulher pode desejar.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Segue esse sonho ridículo de amor, isso é bonito nos livros e filmes. Acorda!  
E não

adianta me procurar depois, porque agora, eu que não quero mais. -  
desabafou de forma

fria.

Ele me olhou de um jeito que nunca esquecerei. Mas naquele instante eu  
conheci o

verdadeiro Paulo, e confesso, ele era mais vazio e sem emoção do que eu  
poderia

imaginar. Tive a certeza que tomei a decisão certa. Sem refletir muito, talvez,  
para não

desistir da minha decisão, me despedi de todos e fui para meu quarto. Um  
misto de paz

e dever cumprido tomavam conta da minha alma. Foi quando sem perceber,  
acabei

adormecendo no meio dos presentes e docinhos, que estavam espalhados pelo  
meu

quarto.

Acordei num cenário lindo e aconchegante. Era um jardim maravilhoso, com  
flores tão

lindas, que seria impossível descrevê-las com exatidão. Um lago de águas  
cristalinas,

pessoas sorrindo e brincando em todo o jardim. De repente me percebi assim  
também,

feliz e leve. Era eu, mas de uma forma mais simples e bonita. Sentia-me a  
vontade nesse

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

jardim, e quando olhei novamente para o cenário, percebi que não estava sozinha.

Duas lindas crianças corriam e sorriam para mim. Um menino que aparentava ter uns

cinco anos; moreno, olhos vibrantes e muita alegria no olhar. A garotinha era de uma

beleza singular. Cabelos castanhos claros, todo cacheado, olhos cor de mel, e um sorriso

capaz de iluminar qualquer ambiente. E bem ao meu lado estava ele. Não conseguia ver

seu rosto, mas era alto, aparentava ser tão belo como todos que estavam naquele jardim.

Eu tentava de todas as formas enxergar seu rosto, mas não conseguia. Ele me passava

uma paz, segurança, e uma felicidade que jamais senti com ninguém. Parecíamos uma

família. Sim, era isso. Eu, meu marido e meus filhos. De repente o garotinho se

aproximou de mim, e de maneira graciosa e terna, me fez um convite:

-Vamos brincar?- disse em tom familiar. Nesse instante olhei para o alto e fixei meus

olhos no meu amado, por um instante quase consegui vislumbrar seu rosto. Só que

nesse mesmo momento uma voz mais que familiar me chamava, e me acordava do meu

sonho encantado.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

-Paolaaaaaa, levanta menina. Esqueceu que tem trabalho?-dizia em voz alta, capaz de

acordar até os vizinhos, minha adorável mãe.

Sem pestanejar, dei um salto e de maneira mecânica e costumeira me arrumei. Sem

tomar café segui para a redação. Era um dia importante, estava leve, feliz, com uma

certeza que nunca sentira antes. Como o planejado na noite anterior, fui direto falar com

meu chefe, sem muita delonga despejei:

–Quero minha demissão, não aceito contraoferta. Vou me dedicar a um novo projeto de

vida. -falei de forma precisa e segura.

Não preciso dizer que meu chefe não entendeu nada, mas como ele também não era de

adular ninguém aceitou minha demissão sem nenhum tipo de empecilho. Arrumei

minhas coisas, encaixotei tudo, dei uma ultima olhada para aquela sala. Senti um frio na

barriga, afinal, eu sonhei com aquele emprego por anos, e agora, de repente, jogava tudo

para o alto. Vou atrás de algo que nem sei o que é, e nem onde encontrar.

Mas estava feito. Estava segura e certa da minha decisão. Me despedi de todos, que sem

entenderem nada, me desejavam boa sorte no novo projeto, mas na verdade

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI



estavam

curiosos em saber que projeto era esse. O que poderia fazer com que eu, uma profissional de sucesso abandonasse tudo, deixasse um emprego tão cobiçado por

tantos?

Sem me preocupar com a curiosidade alheia segui em frente. Confesso que senti um

pouco de tristeza, afinal, tive muitos momentos felizes na empresa. Deixei alguns

colegas que sentiria saudades. Mas não podia fraquejar. Respirei fundo e segui para a

próxima etapa do meu plano: contar minha decisão e mudança de vida para os meus

pais.

## Capítulo 2

Parecia ser a parte mais fácil da minha missão. Só parecia. Porque meus pais são

pessoas antenadas, liberais, mas parece que quando se trata da única filha, a história

muda um pouco. Meu pai, seu Antonio Bento Mantovani, 60 anos, militar reformado;

tão culto quanto carinhoso. Bom de papo, caridoso, quem conhece se apaixona no

primeiro instante. Nunca foi linha dura, mesmo sendo militar, nunca deu ordem unida

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

em casa. Sempre disposto a conversar, me apoiou sempre que precisei.

Minha mãe já era mais dura, apesar de ser falante, ela não perdia a oportunidade de se

comunicar apenas com o olhar na hora de me repreender. Morena, alta, corpo esguio,

fisionomia calma, uma beleza exuberante que lhe rendeu muito sucesso como modelo

nos anos 70 e 80. Dona Beth Mantovani arranca suspiros até hoje por onde passa. Meus

amigos da faculdade sempre escolhiam a minha casa para fazer os trabalhos. Demorei

um bom tempo para perceber que o motivo não era a localização, mas o belo par de

pernas de minha mãe. Eles costumavam falar que a coroa dava um banho de charme e

elegância na maioria das meninas da nossa idade. Eu sempre levava na brincadeira, e

confesso que me orgulhava da beleza e sucesso que me minha mãe provocava.

Sempre fui amiga dos meus pais, quando precisava desabafar, ou me aconselhar, era a

eles que recorria. Tenho poucos, mas bons amigos, mas preferia a opinião dos meus pais

quando o assunto era mais sério, ou dizia respeito a meu futuro. Foi assim quando

decidi cursar jornalismo, viajei por meses pela Europa, ou quando decidi ficar  
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

noiva do

Paulo. Eles sempre me escutavam com paciência, e no fim, davam sua opinião.

Meu pai é mais romântico, gosta de filosofar e contemporizar sobre tudo. Minha mãe já

é mais pé no chão, não gosta de suposições, para ela ou é ou não é. No dicionário dela

só existem as palavras material, concreto e viável. Nunca vi minha mãe sonhar, ou até

mesmo fazer planos futuros. Tudo para ela é no agora, não existe depois, ou faz ou não

faz. Acho que por isso ela casou cedo, teve filho cedo, e encerrou a carreira cedo. O

mais engraçado é que ela é o oposto de meu pai, e, no entanto, os dois se completam de

maneira perfeita. Nunca presenciei uma briga mais séria entre eles. Sempre viveram

com muito amor, acho que posso dizer que tenho um exemplo de casal apaixonado e

feliz dentro de casa.

Era final de tarde quando entrei na casa dos meus pais. Um sobrado localizado no

Morumbi, nada muito grande, mas muito bem decorado e harmonioso. Passei minha

infância e adolescência nessa casa. Lembro como se fosse ontem, eu arrumando minhas

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

coisas, chorando ao mesmo tempo para realizar a mudança para meu apartamento novo.

Tinha 25 anos, era subeditora da revista, e já ganhava suficientemente bem para me

manter e ter um cantinho só meu. Meu pai me presenteou com um lindo loft no mesmo

bairro deles. Quando eu entrei no meu apartamento fiquei sem ar, era tudo tão perfeito.

Minha mãe decorou tudo a meu gosto, fiquei tão eufórica que não via a hora de mudar.

Mas ao mesmo tempo sentia tristeza, afinal, teria que me separar do meu porto seguro,

deixar meus pais, e toda nossa convivência diária, que confesso eu gostava muito.

Voltando das minhas lembranças, percebi meu pai parado ao lado de sua poltrona

preferida. Ele estava apreensivo, e ao mesmo tempo, curioso. Ele sabia que eu tinha

feito algo de muito importante e revolucionário, afinal, meu pai me conhecia pelo

simples olhar. Não revelei nada, apenas lhe dei um beijo na testa como de costume e

perguntei por minha mãe. Sem dar tempo de ele responder, ela entrou de forma

esbaforida na sala, como sempre, não chegava despercebida. Foi logo comentando sobre

o sucesso da minha festa de aniversário, como tudo estava perfeito, e finalizou com a

pergunta que mais adorava fazer nos últimos meses:

– E então, você e o Paulinho já marcaram a data do casamento?- falou num tom

irônico.

Eu até hoje não entendo por que é tão importante para a mulher estar casada?

Independente se vai se divorciar daqui a 15 minutos, parece que é uma obrigação

feminina se casar. Aquela que opta por não adotar o matrimônio está fadada a ser

discriminada e apontada sempre que possível. Sem falar nas tias chatas que insistem em

fazer a mesma pergunta nas reuniões familiares, e sempre quando você esta sendo o

foco das atenções. Eu chego a suar frio, porque não demora e lá vem:

– “E então Paolinha, já sabe quando vai ser o casamento? Você já chegou nos 30?

Engraçado né, hoje em dia as mulheres pensam primeiro no trabalho, para depois se

realizarem como mulher”.-disparam sempre com tom debochado.

Mas eu não ligo, dou aquele sorrisinho falso e desconverso. Mas vamos ser sinceras,

elas devem morrer de inveja da nossa geração. Porque temos a possibilidade de

escolher, se atirar no mercado de trabalho, viver várias experiências amorosas, poder

curtir muito antes de trocar o pro seco pelo leite ninho. É isso! Um bando de recalçadas

e invejosas.

Hoje percebo como fui boba, como me martirizei por nada. Eu chegava a decorar

desculpas e mentiras para o meu casamento tardio. Quando na verdade eu estava certa.

Porque casar não é brincadeira, é um passo muito importante. A união de duas vidas não

pode se feita de qualquer forma. É preciso ter certeza, para que o amor seja a base de

tudo. Afinal, com amor já é difícil manter uma relação, imagina sem ele.

Mas minha mãe seguia a linha das minhas tias implicantes, não porque era recalçada,

muito pelo contrário. Ela aproveitou muito antes de casar, e quando se juntou ao meu

pai, foi porque estava certa de que ele era o homem certo para dividir sua vida. Na

verdade, mamãe me cobrava porque os outros a cobravam, porque se dependesse dela

mesma diria para mim:

-Segue teu coração minha filha, e não deixe ninguém dizer o que você tem ou não que

fazer.

Só que nesse momento fingi que não ouvi sua pergunta e fui logo desabafando. Fui a

mais sincera possível, me abri de uma forma que nunca imaginei poder fazer. Falei de

coração aberto, sobre meus medos, sonhos, frustrações, e o novo caminho que decidi

percorrer. Anunciei minha demissão e também o término do meu noivado. Nesse

momento minha mãe abriu e fechou a boca num tom de surpresa misturado com

desaprovação. Fingi que não notei e continuei meu desabafo.

No final meu pai sem dizer uma única palavra me olhou, e de forma carinhosa e

confortante, me puxou para um longo abraço. Naquele momento pude sentir todo seu

amor por mim, era tão bom, me dava uma segurança incrível, e mais que isso, a certeza

que eu estava fazendo a coisa certa. De repente senti minha mãe se aproximar e se

juntar a nós dois no abraço. Aquele foi um dos momentos mais emocionantes da minha

vida, ali, no meio deles dois, pude sentir na pele o quanto eles me amavam, e que eu

podia contar sempre com eles.

Não falamos nada, ficamos abraçados por um momento, somente sentindo a energia

maravilhosa que só o verdadeiro amor, o amor incondicional pode proporcionar. Ali,

naquele instante, eu tive a certeza: eu queria e iria vivenciar o amor sobre todas as

formas, porque é o mais forte de todos os sentimentos que o homem pode sentir, e doar.

Não querendo ser piegas, ou até melancólica, mas o amor é a resposta de tudo, sem ele

não existe vida.

Enxuguei minhas lágrimas, que naquele momento eram de pura felicidade, dei um beijo

e um abraço apertado nos meus pais, e saí, sem olhar para trás. Com a sensação de que

tinha um porto seguro, e sempre que precisasse, aqueles dois seres fascinantes me

dariam colo e o que fosse preciso para eu recuperar minha felicidade.

Assim que cheguei ao meu apartamento senti que algo estava diferente. Fui direto ao

quarto, e sem muita surpresa, vi o que queria evitar: o Paulo sentado na minha cama.

Sua fisionomia demonstrava que ele não tinha dormido, os olhos vermelhos e inchados,

denunciavam que havia chorado. Não fraquejei, me aproximei dele, toquei levemente

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI



em seu ombro para não assustá-lo. Ele me olhou bem dentro dos olhos e disse em tom

melancólico, e de uma forma tão doce e suave que nunca usara anteriormente comigo:

–Desculpe Paola. Sei que fui grosso, insensível, e não procurei ouvir suas explicações.

É normal você se sentir insegura, e até mesmo em duvida sobre o nosso casamento. Mas

pensa bem, nós estamos juntos há quatro anos, nos damos tão bem, temos tantas coisas

em comum. Lembre-se de tudo que já construímos, e que ainda podemos construir. Eu

te adoro. Não quero te perder. Me dá uma chance, aliás, nos dá essa chance.- e venho

me abraçar.

Confesso que me comovi com as palavras, e a sinceridade, que via pela primeira vez

nos olhos de Paulo. Era como se ali, naquele instante, eu o visse pela primeira vez.

Como a vida é engraçada, passamos quatro anos juntos, e só agora consegui conhecer

um pouco do meu noivo. Mas mesmo assim, eu tive a certeza de que a gente não

deveria continuar. Em nenhum momento ele falou que me amava, disse que me

adorava. Eu não queria ser adorada, queria amar e ser amada. Não podia

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

continuar em

um relacionamento que já não tinha mais sentido de existir.

De forma carinhosa e suave fui explicando meus sentimentos, desejos, e o que queria

buscar para minha vida. Agradei por todo carinho e companheirismo que ele me

proporcionou, e finalizei pedindo que nossa amizade permanecesse.

Nesse momento Paulo levantou, segurou com força meu braço e da maneira mais fria e

magoada disparou a frase que nunca mais esquecerei:

– Não tem como eu ser seu amigo, você é que está indo embora. - E me olhou com

tanta mágoa e ressentimento, que naquele instante meu coração gelou, uma profunda

tristeza tomou conta da minha alma confusa.

Fiquei parada olhando meu ex-noivo partir. Ele saiu não só do meu apartamento, mas da

minha vida. Sentia como se virasse uma página da minha vida. Agora eu estava livre!

Podia sair pelo mundo e buscar o que minha alma tanto ansiava. Senti um pouco de

medo, mas de repente a segurança se apoderou de mim, e tive certeza que uma nova

vida se abria. Decidi fazer uma faxina completa, limpar tudo, não só meus sentimentos,

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

mas também meus pertences. Estava decidida a começar do zero.

### Capítulo 3

A primeira providencia foi fazer uma limpeza geral nos meus armários. Separei todos os

vestidos, sapatos e acessórios de grife que reinavam no meu closet. Primeiro pensei em

doar para um bazar, mas depois algo me iluminou e decidi dar a alguém que usaria,

melhor, que aproveitaria melhor do que eu.

Desci as escadas e toquei a campainha da casa do porteiro. Babi, a filha mais nova do

zelador, abriu sorridente a porta. Ela tinha 19 anos, corpo esguio, pele clara e um sorriso tão iluminador quanto sua beleza. Eu sempre a presenteava quando podia, mas naquele

dia o presente seria inesperado.

Quando mostrei para ela as duas malas de roupas e sapatos, tudo seminovo, e de marcas

que ela nunca imaginaria usar um dia, ela soltou um grito. O sorriso, a alegria e a

satisfação dela era tão grande, que valeu a pena só por ver como um ato, um gesto de

carinho honesto, nos devolve mais do que aquilo que doamos.

Ela não sabia se me abraçava, olhava as roupas ou gritava. Mas por fim ela me abraçou

de uma forma tão carinhosa e disse algo que me marcou:

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

—Quando ajudamos alguém de forma desprendida o maior beneficiado é o doador.

Nenhuma graça é maior que ajudar o próximo. Hoje você me ajudou, amanhã será

muito mais ajudada. - profetizou a pequena Babi.

Senti tanta alegria naquele momento. Decidi que iria fazer trabalhos voluntários, levar

alegria e amor para aqueles que realmente necessitam. Mas primeiro precisava escolher

um lugar para recomeçar a minha vida. Orei com tanto amor, pedi que Deus e meus

anjos me iluminassem, inspirassem a decidir o melhor lugar para recomeçar. Nessa hora

me dei conta de que há tempos não orava, não conversava com Deus. Nunca fui

católica, mas sempre acreditei na doutrina espírita, na reencarnação, na lei do carma.

Mas também nunca me preocupei em frequentar o Centro Espírita.

Ao pensar no assunto me senti mais vazia ainda, quanto tempo perdi com coisas sem

importância. Não dei atenção a minha fé, meu espírito, minhas crenças. Cada vez mais

constatava que estava vivendo a vida errada. Mas não adiantava chorar, o jeito era

recuperar o tempo perdido.

De repente o cansaço tomou conta de mim e adormeci. Eu estava novamente no meu

jardim preferido, mas dessa vez estava sozinha. Ouvia as vozes das crianças, pessoas

falando, músicas, mas não enxergava ninguém. Era como se eu estivesse invisível, mas

mesmo assim estava feliz e em paz. Olhei para o alto e lá estava ele, meu marido, meu

príncipe, meu amor. Novamente tentei decifrar seu rosto, mas não consegui. Sentia ele

me olhando, e mais que isso, ele me dava sinais de que eu estava no caminho certo.

Tentei tocar sua mão, e nesse instante senti um calor, uma energia maravilhosa

percorrer por todo o meu corpo. Acordei, mas com a sensação nítida que meu príncipe

me apoiava, protegia e guiava no meu caminho aqui na Terra.

Levantei, tomei um banho e comecei a pensar nas possíveis cidades que começaria

minha nova jornada. Lembrei que amava a praia, sempre que estava de férias ia para o

Rio visitar meus avós maternos. Como era bom chegar na cidade maravilhosa, passear

no Jardim Botânico, visitar o Cristo e admirar o Pão de Açúcar.

Os cariocas sempre me pareceram mais felizes, mais relaxados. Lembro que numa das

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

minhas viagens para a casa da vovó conheci um carioquinha que mudaria minha vida

para sempre.

Lembro como se fosse hoje, eu tinha uns seis ou sete anos, cabelos cacheados até a

cintura, corpo magrinho e mion. Ele tinha sete anos, cabelos pretos e lisos, na verdade

ele parecia um curumim, mas era tão lindo: pele bronzeada e um sorriso branco que

chegava a brilhar. O nome dele era Caíque, isso, o neto da vizinha da vovó Inês.

Ele sempre me chamava para brincar de carrinho com ele na portaria do prédio. Um dia

eu e Caíque estávamos brincando com uns carrinhos embaixo da mesa do porteiro, e de

repente ele perguntou se eu não gostaria de namorar com ele. Confesso que fiquei sem

reação, afinal, eu só tinha sete anos. Mas ele me pediu de uma forma tão doce, e eu

gostava tanto dos momentos que passávamos juntos, que resolvi aceitar.

A alegria tomou conta da gente, naquele dia a gente se divertiu como nunca. O namoro

consistia em brincar de carrinho, e no máximo, andar de mãos dadas. Mas isso era

suficiente para nos alegrar, porque o importante era estarmos juntos. Cheguei na casa da

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

vovó eufórica e feliz, não contei nada para ninguém, mas dormi com o coração

transbordando de felicidade.

No dia seguinte acordei radiante, coloquei meu vestido mais bonito e desci eufórica

para encontrar meu namorado. Demorou uns vinte minutos e Caíque chegou, percebi

que ele não estava tão feliz, para falar a verdade, ele parecia triste. Perguntei o que tinha acontecido, e naquele momento tive minha primeira, e acho que a mais marcante

decepção amorosa.

Ele me contou que seu pai disse que éramos muito crianças para namorar, encheu a

cabeça do pequeno Caíque com tantas inverdades, que no final, acho que esse menino

deve ser traumatizado até hoje. Não queria acreditar no que ouvia. Mesmo com apenas

sete anos, já sabia que gostava dele, que não importava a opinião dos outros, o que

valia era que nos gostávamos, a nossa companhia bastava.

Nesse dia aprendi que namorar, se relacionar, não era algo tão simples como imaginava.

Porque mesmo que as duas pessoas se gostem, isso não é suficiente para uma relação

dar certo.

Cheguei na casa da vovó decepcionada. Fui para meu quarto, chorei um pouco, e decidi

nunca mais namorar ou sofrer por amor. Hoje percebo que naquele dia eu matei a minha

princesinha, meus sonhos de amor puro e eterno. Porque desde esse dia me tornei

racional quando se tratava de namoro ou relacionamentos entre homem e mulher.

Nunca mais vi o Caíque, mas espero que ele não tenha se fechado para o amor como eu

fiz. Agora eu começo a entender muita coisa, e percebo onde me travei. Chegou a hora

de destrancar esse coração e me abrir novamente para o amor. Vou buscar aquela

princesinha que ficou esquecida lá no Rio de Janeiro. E sem titubear me decidi: Rio aí

vou eu!

Acordei tão animada quanto ansiosa. Estava tudo pronto. A mudança aconteceria dentro

de algumas semanas. Parei por alguns minutos e olhei ao redor do meu apartamento.

Deu uma tristeza, mas precisava me desapegar de tudo e construir uma nova história.

Resolvi não vender o apartamento, mas também não queria alugar para qualquer pessoa.

Então fiz o que meu coração mandou.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI



Liguei para minha melhor amiga. Lígia cresceu comigo, estudamos juntas, vivenciamos

todas as fases e histórias inesquecíveis que fazem parte da infância e adolescência de

uma menina. Ela tinha a mesma idade que eu, porém era bem mais baixa, o que nos

rendeu várias piadinhas por parte dos meninos. A girafa e a formiga foi um dos apelidos

mais carinhosos que nos deram.

Lígia sempre foi muito espontânea e desinibida, parecia que não tinha medo de nada.

Quando eu me interessava por algum garoto era ela que fazia a ponte para mim. Na

mesma hora tomava a iniciativa de especular se eu teria alguma chance com o preterido.

Sempre confiei e me senti segura ao lado dela. Tantas histórias, ela sempre ao meu lado.

Quando viajei em intercâmbio para a Europa a tristeza foi total. Teria que me separar da

minha melhor amiga, e o pior, ela não estaria ao meu lado me incentivando e dando a

segurança que eu já havia me acostumado. Passamos alguns anos separadas, quando

voltei, ela tinha se mudado para o litoral paulista. Continuamos amigas, mas agora a

convivência não era frequente. Só que aprendi que o verdadeiro amigo não

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

precisa estar

ao nosso lado fisicamente 24 horas. O amigo de verdade é aquele que nos sentimos

sintonizados, mesmo quando a distancia física é enorme. É aquela pessoa que ficamos

anos sem ver, e quando reencontramos, parece que o tempo não passou. Com Lígia era

assim.

Entre nós duas não existia segredo, ou qualquer tipo de frescura, sempre fomos sinceras

e verdadeiras uma com a outra. O dia que noivei com Paulo ela ficou tão feliz que veio

no mesmo dia me dar um abraço e mostrar que me apoiaria no que fosse preciso. Ela

sempre foi a minha referência de infância, adolescência, e melhor, das fases mais

divertidas e felizes que eu vivi.

Lígia se formou em publicidade e há dois anos morava em São Paulo. Ela teve um

casamento relâmpago com um americano, e como para Ligia tudo era reciclável, não

demorou a dar a volta por cima e logo conquistar um paulistinha da Mooca. Ela teve um

filho lindo da união com o americano, Junior, que tinha dois aninhos quando ela se

separou. O ex-marido retornou para Flórida e Juninho ficou com a mãe.

Ela não se rogou, levantou a poeira e continuou na luta diária para dar muito conforto

para seu pequeno filho. Eu sou a madrinha dele, e sem falsa modéstia, mas é a criança

mais linda que já vi. Hoje ele tem cinco aninhos, é o garotinho mais esperto e gracioso

que já conheci. Lígia mora sozinha com o filho em um apartamento de um quarto no

Tatuapé. Eu sempre que posso ajudo ela nas despesas, pago a escola do Juninho, e ajudo

na compra de roupas e brinquedos dele. Entre nós duas nunca teve frescura, por isso,

quando percebia que ela passava por alguma dificuldade eu a socorria. E foi pensando

na luta diária da Lígia, no meu afilhado, que resolvi fazer o que era certo.

Convidei minha amiga para morar no meu apartamento com o Juninho. Ela só precisaria

arcar com as despesas de gás, água e luz; muito mais barata que o aluguel e a despesa

que ela tinha no outro apartamento. No começo ela ficou meio sem jeito, mas por fim,

ela entendeu que eu estava decidida a mudar, e quanto a isso me deu apoio total, acabou

aceitando minha oferta. Meu apartamento era grande, dava para ela redecorar como

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

quisesse e ficar a cara dela e do Juninho.

Eu decidi levar apenas algumas roupas e objetos pessoais. Algumas coisas deixaria na

casa dos meus pais. Já que iria recomeçar, decidi comprar tudo novo, inclusive minhas

roupas. Por enquanto decidi que moraria com vovó Inês até arrumar um novo lugar. Ela

vivia sozinha, desde que vovó Joel faleceu, e sempre reclamava que se sentia solitária.

O dia que telefonei e perguntei se poderia morar por uns tempos com ela, a surpresa e

alegria da vó foi tão grande que ela não conseguia parar de chorar. Parecia que não só a

minha vida estava mudando, mas que eu acabava catalisando essa energia e mudando a

vida das pessoas ao meu redor para melhor.

Finalmente chegou o dia da mudança. Acordei com o som do interfone, era a Lígia e o

Juninho. Quando abri a porta ele já pulou no meu colo e me deu o abraço mais gostoso e

sincero que eu poderia receber. A nossa ligação era muito forte, amava aquele garotinho

como se fosse meu filho. Lígia ficou nos observando por alguns segundos, depois

disparou:

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

- Você é a irmã que nunca tive, aliás, para mim você é mais que uma amiga.  
A vida

resolveu nos separar mais uma vez. Eu torço e tenho certeza que você vai encontrar o

que procura. Você nasceu para viver a vida de forma intensa, mas acabou se deixando

aprisionar por uma vidinha fútil e sem qualquer ligação com sua essência.  
Obrigada

pelo amor e apoio que você sempre me deu, e principalmente, por amar tanto meu filho,

isso nunca esquecerei. Vai para o Rio, resgata aquela menina de olhos brilhantes,

curiosos, cheia de amor e de vontade de mudar o mundo. Você é uma guerreira amiga,

não duvide nunca disso. – e me puxou para um abraço longo e amável.

Ficamos algum tempo conversando e observando as peraltices do Juninho quando a

campainha tocou. Era a Babi, ela queria se despedir e me desejar boa sorte na minha

nova vida. Ela estava tão linda com as roupas que eu dei, naquele momento vi que seus

olhos tinham um brilho diferente, era como se ela estivesse mais segura e feliz. Ela me

deu um abraço apertado e agradeceu por todo carinho e amizade que eu tinha por ela.

Fiquei olhando para aquela menina linda e pensei. “Espero que a vida seja  
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

justa e que

ela possa ter a oportunidade de ser feliz, conseguir realizar seus desejos.”  
Nesse instante Babi me despertou com um comunicado que me deixou muito feliz. Contou que depois

que ganhou as roupas se sentiu mais bonita , segura e foi procurar um novo emprego.

Consegui uma vaga como vendedora numa butique famosa do Jardins, e mais, com o

salário e a ajuda da dona, que adorava seu trabalho, iria cursar moda e seguir seu sonho.

Não consegui dizer nada. Chorei, e com muita felicidade, abracei aquela adorável

menina. Prometi que quando ela se formasse ajudaria ela na carreira, afinal, trabalhei

anos nessa área.

Vendo a alegria de Babi, Lígia e Juninho pude constatar que estava participando da

“corrente do bem”: um ato de caridade, de amor e desprendimento que acaba mudando

a vida de várias pessoas ao mesmo tempo. Comecei a rezar em silêncio e agradecer à

Deus por essa oportunidade única.

Coloquei todas as minhas coisas no carro, me despedi da Ligia, que prometeu em breve

me visitar no Rio, e claro, levar o Juninho para passar uns dias comigo. Senti uma onda

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

de alegria e tristeza percorrer minha alma. Estava leve e tranquila. Era a sensação que

precisava para ter a certeza que estava no caminho certo.

A viagem foi tranquila, fiquei ouvindo música, lembrando de épocas e acontecimentos

felizes. As quase seis horas de estrada nem foram sentidas, afinal, o que importava é

que eu estava seguindo para minha nova vida.

Me sentia feliz, segura e certa de que viveria muitas emoções nessa nova fase. Assim

que avistei o Cristo Redentor um aperto e calor invadiram meu coração. Era um misto

de felicidade e euforia. Agora eu estava pronta para resgatar a princesinha e buscar mais

amor na minha vida. Os braços abertos do Cristo me davam boas vindas, e também a

sensação que estava sendo acolhida: um sinal verde para minha nova jornada.

## Capítulo 4

O Rio de Janeiro é conhecido como a cidade maravilhosa, título mais do que merecido.

A cidade tem um contraste de paisagens incrível. Os morros, as praias e a lagoa. Parece

que estamos dentro de uma pintura, até o ar é diferente. Sinto tanta leveza quando estou

na capital carioca. Minha vontade é de relaxar, olhar a paisagem e não fazer

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

mais nada.

Só que nem tudo é perfeito.

A sujeira, os moradores de rua, e a violência na cidade denunciavam que o Rio está longe

de ser o paraíso na Terra. Mas independente disso, eu e várias pessoas nos sentimos

abençoadas por ter o privilégio de morar aqui. E foi com essa mentalidade, certeza e

felicidade que me atirei de braços abertos na cidade maravilhosa.

Fiz uma parada estratégica na orla de Ipanema para tomar uma água de coco bem gelada

e admirar o fim de tarde. As pessoas estavam animadas: algumas jogando vôlei, outras

apenas estiradas em suas cangas. No mar, vários surfistas se alternavam nas ondas de

quase um metro de altura. Tudo parecia conspirar para a minha meta: ser feliz.

Segui para Botafogo, bairro da zona sul, onde a vovó Inês morava. Assim que cheguei

me senti em casa. Cada pedaço daquele bairro me remetia a minha infância

maravilhosa. Minhas férias eram perfeitas naquele lugar, sem contar que tinha a vovó

sempre me paparicando e dando carinho.

Assim que passei pela portaria algo prendeu minha atenção: a mesa do porteiro. Foi ali

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI



embaixo que passei os momentos mais românticos com meu “namorado”  
Caíque. Ah,

se pudesse voltar no tempo! Eu não teria aceitado o rompimento e teria  
brigado pelo

amor do pequeno curumim. Quem sabe não era ele o meu príncipe. Será que  
a vida me

pregaria uma peça dessas?

Enfim, o que tinha certeza é que ele não morava mais ali há anos, e sempre  
que

perguntava por ele, a vovó me dava a mesma resposta; que só sabia que ele  
continuava

no Rio, mas não sabia onde e nem como vivia. Quem sabe a vida não me  
daria uma

ajudinha e a gente se reencontraria um dia, afinal, como diz minha mãe: “O  
que é do

homem o bicho não come”, sábia Dona Beth.

Assim que toquei a campainha, vovó correu para atender. Me recebeu com  
um largo

sorriso, seguido de muitos beijos e abraços. Como era reconfortante esse  
reencontro.

Dizem que avó é a segunda mãe, mas que com uma vantagem, elas deixam os  
netos

fazerem tudo o que querem. E vovó Inês não era diferente. Já tinha preparado  
uma mesa

cheia de guloseimas e tudo que eu mais apreciava.

Nem pensei nas horas de bicicleta e esteira que teria que percorrer para eliminar aquelas

calorias. Comi tudo que tinha direito, e no final, estava tão feliz e satisfeita que o peso da possibilidade de engordar nem passou pela minha cabeça. Eu contava

detalhadamente meus planos e os motivos que me fizeram mudar de vida bruscamente.

Minha avó acompanhava minha narração atentamente, e só quando terminei, ela

começou a falar.

Como era de se esperar, ela me apoiou, e por fim, falou que estava muito orgulhosa de

mim e da minha coragem. Ficamos até tarde conversando sobre tudo, percebi que a

minha companhia traria um novo alento para minha amada avó.

Meu quarto estava redecorado. Ela se preocupou com tudo, até toalhas de banho

bordadas ela deixou em cima da cama. Flores enfeitando a cômoda, muitas velas,

incensos e florais espalhados. Ela sabia que eu era um pouco mística, e adorava tudo

que acalmasse o ambiente.

Me senti muito confortável naquele cantinho, que agora era só meu. Desarrumei a mala,

arrumei minhas coisas e fui tomar um banho antes de dormir. Assim que acabei o banho

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

vi minha avó sentada na minha cama com um copo de leite morno na mão.  
Naquele

momento tive a certeza que pelo menos a alegria e amor da infância a vida  
estava me

devolvendo.

Dormi tão bem que nem percebi o dia clarear. Acordei com o som do rádio  
da vovó. Ela

não perdia o costume de ouvir programas matinais na sua rádio preferida.  
Lembrei de

quando era pequena. Ela e mamãe ficavam na cozinha fofocando sobre os  
últimos

acontecimentos da família. Era uma sensação tão boa. As duas sempre foram  
muito

amigas, e eu adorava fazer parte daquela família.

Eu era a neta mais velha, e sempre senti que era também a preferida. Minha  
mãe tem

dois irmãos, cada um tem três filhos. Tenho quatro primos homens e duas  
primas. A

diferença de idade entre a gente é grande. Minha mãe é a caçula, mas casou  
cedo, e seus

irmãos, podemos dizer que aproveitaram bem a vida, quando casaram já  
tinham passado

dos vinte e poucos anos.

O primo que mais tinha afinidade, e que até hoje me comunico, mora no Sul.  
Alex tem

24 anos, é advogado, há cinco anos mora em Porto Alegre. Brinco sempre que se ele

não fosse meu primo casaria com ele. Moreno, olhos verdes, corpo atlético, carinhoso e

calmo, meu priminho arranca suspiros por onde passa. As duas irmãs dele, Patrícia e

Lisandra, têm 15 e 18 anos respectivamente, moram com meus tios em São Paulo.

Já meus outros primos moram aqui no Rio. São três meninos; Alexandre, Fabrício e

Mario, todos mais novos do que eu. O Ale é o mais velho com 15 anos, seguido por

Fabricinho com 13, e o caçulinha Marinho com 10 anos. Sempre me identifiquei com

eles, e como eram mais novos, eu os mimava sempre que podia.

Falei com a vovó que no final de semana iria à casa do tio Jair visitar ele e os meninos.

Tratei de saber qual era atualmente o time de futebol dos três, afinal, esse era o esporte

preferido na nossa família.

Eu torcia pelo São Paulo, porque morava na capital paulista, e meu pai era São Paulino

doente. Desde pequena me levava ao Morumbi para ver os jogos do tricolor paulista.

Minha mãe não ligava para futebol, mas como todos na família dela, torciam pelo

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Fluminense, ela não contrariou a maioria.

Eu amava ir ao Maracanã com o vovô Joel, pai da minha mãe. Era um tricolor fanático.

Não perdia um jogo do Fluzão, era assim que ele chamava o Fluminense, e sempre que

podia me levava nas Laranjeiras para ver o treino do verdadeiro Tricolor, como ele

costumava dizer.

Eu fiquei encantada quando vi o time do Fluminense pela primeira vez. Lembro como

se fosse ontem. Eu, vovó Joel, meus tios, meus seis primos, todos com camisas e

bandeiras do Tricolor. Foi uma festa geral quando chegamos ao Maraca e sentamos nas

cadeiras azuis para ver o clássico Fla x Flu.

O estádio estava lotado de homens, mulheres e crianças. Todos felizes e cantando os

cânticos e gritos de guerra da sua torcida. Assim que o time do Flu entrou uma chuva de

pó de arroz tomou conta do estádio. Meu avó chorava e gritava tanto, que pude perceber

que não existia esporte mais emocionante e contagiante do que o futebol.

Eu me diverti demais naquele jogo. Acompanhei cada lance, gol, e berro mais

desesperado do vovô. Quando o Fluzão fez o gol da vitória, eu fui arremessada para o

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

alto, e quando percebi, já estava nos braços do vovô, que me balançava e beijava sem

parar. Eu olhei dentro dos olhos dele, senti tanta alegria, amor, e emoção, que naquele

dia decidi: eu sou Tricolor!

Só não sabia como contar para meu pai que decidira mudar de time, afinal, ele não se

conformaria com minha decisão. Mas eu estava mais uma vez enganada. Depois de

contar todo o episódio para meu pai, a alegria do vovô, a minha identificação com o Flu,

e a alegria de fazer parte daquela festa, ele disse:

– Filha, eu só quero a sua felicidade nessa vida. Se o Fluminense te deixa feliz dessa

forma que você me contou, pode acreditar que agora eu tenho um segundo time. A

partir de hoje sou Tricolor Futebol Clube. - e naquele momento nascia mais um

simpatizante do Fluzão.

Depois de um ano daquele jogo inesquecível, meu avô faleceu. Foi uma morte rápida e

muito dolorosa para toda a família. Ele sofreu um infarto fulminante em frente à

televisão, ironicamente, ele assistia a um clássico do Fla x Flu. Felizmente o Flu

ganhou, e o vovô pôde assistir a ultima vitória do seu Fluzão.

Quando recebi a notícia de sua morte fiquei em choque. Não conseguia aceitar que meu

amigo, meu companheiro de futebol tinha me deixado. O mais triste foi que dois dias

antes eu falei com ele pelo telefone, fiquei toda animada. Ele me contou que tinha

comprado uma camisa do Flu para mim. Agora a notícia de sua morte levava um pedaço

da minha alegria, as tardes e jogos no Maracanã nunca mais seriam iguais.

Vovó me despertou das minhas recordações e confirmou que os meninos continuavam

torcendo pelo Fluzão. Menos mal, não queria gastar dinheiro com camisas de outros

times. Fui tomar meu café da manhã e começar a organizar o que faria daqui para frente.

Já tinha algumas ideias na cabeça, mas precisava pensar um pouco mais no que fazer e

como fazer. Decidi ir caminhar na praia, assim, além de pensar, eu pegaria um bronze.

Agora que morava no Rio seria uma típica carioca.

Decidi caminhar pela orla até o Arpoador. Quando era criança ia com meus pais ver os

surfistas se arriscarem nas ondas do Arpex. Sempre tive vontade de surfar, cheguei a

namorar um surfista quando morei na Espanha. Raúl, um típico espanhol;  
moreno, olhos

vibrantes, corpo magro e definido, e mais do que quente.

A fama dos espanhóis não é mentira, eles têm um charme a mais, sabem o  
que falar e

fazer quando estão com uma mulher. Adorava ir com Raúl na praia. Ele era  
competidor

profissional, viajava o mundo para surfar as ondas da vida, como ele  
costumava dizer.

Nosso romance durou três meses, tempo que ele ficou grudado comigo, só  
nos

separávamos quando ele ia para a água. Ele tinha um estilo lindo de surfe,  
parecia que

desenhava a linha da onda. Um verdadeiro bailarino do mar. Mas o estilo dele  
era

também muito radical. Com Raúl não tinha tempo ruim, ele voava  
literalmente sobre as

ondas. Sua manobra preferida era o aéreo: uma manobra muito radical onde o  
surfista

voa com a prancha e consegue voltar para onda sem cair. E nessa manobra  
meu

espanhol era craque.

Vendo as ondas do Arpoador, os surfistas alongando na areia, alguns  
remando para o

outsider, me deu uma saudade enorme do Raúl, da minha juventude, meus  
sonhos, e da

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI



forma leve como eu levava a vida.

Fiquei por mais de três horas sentada no alto da pedra observando a movimentação na

praia. Essa parte do Rio é a minha favorita para relaxar. Ali do alto, sentindo a energia

do mar, em comunhão com a natureza e a alegria do ambiente, parecia que tudo era

possível, a paz dominava minha alma.

Desviei um pouco da minha meditação quando avistei uma princesinha do surf. Ela

parecia uma boneca. Baixinha, corpo perfeito, olhos cor de mel, sorriso fácil, e duas

covinhas que deixava ela ainda mais graciosa. Ela devia ter uns 18 anos no máximo. Se

alongava na areia como quem vai entrar num campeonato. Percebi naquele instante que

se tratava de uma guerreira do mar. E minha tese se comprovou. Ela correu para o mar,

remou com muita disposição e na primeira boa oportunidade dropou a onda com muita

delicadeza e estilo. Aquela era uma autêntica princesinha do surf. Sua beleza e

delicadeza não a impediam de disputar com os marmanjos um espaço na água. Ela

mandava manobras radicais, e o melhor, se destacava entre os homens, que algumas

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

vezes paravam só para observar a graciosa princesinha surfar.

Aquela cena me deu uma ideia. Sempre tive vontade de surfar, arrisquei algumas vezes

junto do Raúl, mas era mais por brincadeira. Agora eu queria me arriscar de verdade,

aprender a remar, dropar e sentir aquela energia que faz com que o surfe seja o esporte,

ou melhor, um estilo de vida tão contagiante. Iria me informar sobre alguma escolinha

de surfe e me aventuraria nessa prática esportiva.

Fiquei mais umas horas no meu estado meditativo e decidi voltar para almoçar. Telefonei

para vovó e disse para ela me encontrar no Leblon. Almoçamos num restaurante bem

aconchegante e depois caminhamos um pouco pelo bairro. O charme do Leblon é

inquestionável. O ar, as pessoas, as lojas, as livrarias dão um toque charmoso no amado

bairro de Manoel Carlos. Quando era pequena dizia que casaria e moraria no Leblon.

Meus sonhos acabaram mudando, mas agora eu estava ali, no meu bairro tão sonhado, e

quem garantiria que um dia eu não moraria ali, afinal, tudo era possível.

Depois da caminhada fomos para casa. Decidi levar vovó ao teatro, era um dos

programas preferidos dela e do vovô. Assistimos a uma peça linda, que falava de amor,

orgulho e traição. Os atores estavam impecáveis em cena, e aquela energia do teatro era

algo que sempre me atraía.

Quando cheguei em casa fiquei pensando sobre a peça e tive um insight. Eu poderia

fazer um curso de teatro, afinal, nada melhor do que a arte para nos aproximar da nossa

alma, do nosso interior. Não seguiria a carreira de atriz, mas sempre me disseram que o

teatro é ótima ferramenta de autoconhecimento. Nada melhor do que o Rio para

encontrar um bom curso de artes cênicas. No dia seguinte começaria a busca. Adormeci

de forma agradável e acordei no meu jardim encantado.

A minha alma estava em paz, e aquelas flores, a música e todas as pessoas felizes,

sorrindo e brincando numa comunhão perfeita. Procurei meu amado e as crianças.

Avistei o garotinho brincando sorridente, e de longe, a menininha acenava para mim.

Ela estava tão feliz, e mais bonita do que a última vez que a vi. Olhei aflita ao redor e

não vi meu amor, quase entristeci, mas logo ele chegou e meu coração voltou a bater

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

alegre. Ele me abraçou de forma carinhosa, senti que em breve ele me encontraria, ainda

não conseguia ver seu rosto, mas isso já não importava mais, eu o amava e isso bastava.

Acordei feliz e disposta. Tomei café com a vovó e fui até o bairro das Laranjeiras, sabia

que lá tinha um curso de teatro muito bom e conceituado. Quando passei em frente o

clube do Fluminense uma onda de tristeza e saudade invadiu minha alma. Não tinha

como não lembrar do vovô Joel, tantas vezes ele me levou aos treinos do Fluzão.

Como vovô era sócio, e ex-membro da diretoria, não foi difícil eu conseguir autorização

para ver o treino do meu time. Sentei na arquibancada e fiquei quietinha vendo os

jogadores treinarem, e ao mesmo tempo senti uma sensação gostosa, uma paz, era como

se meu avô estivesse ali comigo. Uma lágrima rolou pelo meu rosto, e tive a certeza que

ele me beijava a face.

Fiquei ali sentindo aquela energia maravilhosa, aquele reencontro com meu passado e

com meu amado avô. Nem percebi quando o treino acabou. Olhei, e os jogadores já

estavam se retirando do gramado. Aproveitei para rever alguns conhecidos

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

que ainda

trabalhavam no clube, depois segui para o curso de teatro.

Gostei das instalações do curso, da proposta deles e decidi começar na próxima turma.

Teria aulas de interpretação, expressão corporal, música e outras matérias. Estudaria três

vezes por semana, na parte da manhã. Dentro de alguns meses começariam as aulas. Saí

bem animada e disposta. Até agora tudo estava fluindo como eu planejei. Agora eu

precisava arrumar uma ocupação, um trabalho. Apesar de ter uma poupança volumosa,

e algumas economias no banco, eu queria trabalhar, produzir, me sentir útil.

Não queria atuar na área de jornalismo. Queria algo que me fizesse sentir bem, leve,

sem pressão. Lembrei que na minha temporada na Europa, mais precisamente em

Londres, eu trabalhei por um bom tempo como bartender e garçonne. Era muito

divertido, preparar aqueles drinks, observar as pessoas circulando pela noite.

Isso, mas é claro! Eu posso fazer meu curso de teatro na parte da manhã, e à noite

trabalhar em alguma casa noturna. Seria o laboratório perfeito. Nada melhor do que a

noite carioca para eu observar as pessoas, seus comportamentos e encontrar

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

conteúdo

para minha procura, ou melhor, minha busca pelo amor. Mas antes eu precisava me

enturmar um pouco, conhecer pessoas, saber qual o melhor lugar para trabalhar.

Decidi ligar para uma amiga carioca que trabalhou comigo em Londres. Jéssica era a

típica carioca. Corpo violão, cabelos compridos e dourados, pele bronzada, animação e

muita vontade de viver intensamente. Passamos por muitas aventuras em Londres. Eu

era mais centrada e Jéssica me tirava um pouco os pés do chão. Ela costumava falar que

eu precisava me arriscar, deixar a vida fluir, me soltar. Hoje tenho a certeza que ela

estava com a razão. Era isso! Jéssica era a companhia perfeita para eu começar a me

aventurar na night carioca.

Consegui falar com ela naquela mesma noite. Como era de se esperar, ela já me

convidou para uma baladinha leve. Como sabia que nada era leve para Jessie, já me

preparei para algo mais pesado. Nos encontramos no Baixo Gávea, o BG como os

cariocas chamam. Localizado na Gávea é uma rua de bares onde pessoas alegres e

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

bonitas se encontram para conversar, tomar um chopinho e depois esticar pela noite. Eu

costumava ir ao BG quando era mais nova, *passava mal* quando via aqueles cariocas

sarados e lindos. Costumava falar que lá era a vitrine da perdição, o metro quadrado

mais rico do Rio. Hoje, mais adulta, vejo com outros olhos, mas continuo a minha tese

que aqui tem ótimos partidos. É comum você avistar atores, músicos e celebridades

pelos bares; conversando, tomando um chopinho com os amigos, comprovando que

todos somos mortais.

Não demorou para Jessie chegar. Ela continuava linda e chamando a atenção da classe

masculina, e porque não, da feminina também. Fazia mais de três anos que não nos

víamos, mas quando ela abriu aquele sorriso tudo ficou familiar. Dei um longo abraço

na minha amiga aventureira e logo fomos tomar um chopinho gelado. Não demorou a

chegarem alguns amigos da Jessie e nossa mesa ficar lotada de cariocas animados e

ansiosos para curtir a noite.

Estava me divertindo, conversando com todos, parecia que eu era outra pessoa. Já

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

estava me sentindo uma “quase carioca”, pelo menos na alma. De repente minha

atenção foi desviada da mesa, olhei para rua e algo prendeu minha atenção. Parecia uma

miragem, mas ele era real.

Parado ao lado de um poste eu tive a visão mais perfeita de todos os tempos. Um

moreno que devia ter 1m90 de altura, pele mais do que bronzeada, olhos grandes e

expressivos, e um sorriso que iluminaria a cidade inteira. Ele parecia bem à vontade na

sua solidão. Ficava sorrindo e observando as pessoas na rua. De vez em quando alguém

parava e conversava com ele. Era como um ímã: ele atraía os olhares e pessoas que

passavam por ali.

De repente, ele cruzou o olhar comigo e, por algum efeito magnético, não desviamos o

olhar. Ficamos alguns minutos se olhando, até que ele disparou seu melhor sorriso e

acenou para mim. Confesso que senti meu coração tremer, pulsar mais rápido. Numa

atitude quase que beirando a infantilidade, ou melhor, fiquei com medo mesmo, me

levantei por impulso e sai em disparada para o meu carro. Sem notar que alguém me



seguia, quando estava prestes a abrir a porta, um homem falou bem perto do meu

ouvido:

– A princesa vai fugir, ou eu posso conhecer você melhor?-perguntou em tom irônico.

Olhei para trás e vi um dos amigos de Jessie. Ele percebeu quando passei em disparada

pela mesa e resolveu ver o que estava acontecendo. Senti um alívio, afinal, não era meu

moreno de sorriso encantador. Dei uma desculpa qualquer e voltei com ele para a mesa.

Quando olhei para a esquina meu príncipe já não estava mais lá. Será que eu o veria de

novo? E por que eu fugi? Por que eu senti medo e ao mesmo tempo uma vontade

enorme de conhecer ele? Eram tantos porquês que decidi não pensar e aproveitar a noite

com meus novos amigos.

Comentei com a Jessie que gostaria de trabalhar de bartender novamente. Ela na mesma

hora soltou um grito de felicidade. Há dois anos que ela tinha entrado de sócia numa das

casas noturnas mais badaladas do Rio. A boate ficava no Leblon e era frequentada por

uma galera selecionada, como eles costumavam falar.

Ela me contou que quando voltou de Londres decidiu investir o dinheiro nessa boate

que era do primo dela. Os dois levantaram o capital necessário, e não demorou para a

casa bombar, e hoje, é o point de pessoas antenadas e que gostam de se divertir.

O primo dela é DJ, um dos melhores do país, o que facilitou o sucesso da boate. Jessie

entrou com seu carisma, domínio na área de drinks e decoração do local. Eu fiquei bem

animada com a ideia, seria bom trabalhar ao lado dela novamente. Mas para minha

surpresa a ideia da Jessie ia além. Ela me queria como sócia. Há algum tempo ela e o

primo procurava alguém para entrar na sociedade, não por questões financeiras, mas

para dividir o trabalho.

Ele iria em breve passar uma temporada em Londres fazendo cursos com Djs

consagrados, então seria muito peso para Jessie ficar sozinha com a boate. Achei uma

proposta interessante, mas antes precisaria conhecer o lugar, o primo dela, ver como

andava realmente os negócios, e se tudo estivesse satisfatório, investiria meu tempo e

capital na boate.

Combinamos de nos encontrar dentro de dois dias, porque a Jessie ia fazer uma viagem

rápida de negócios. Fiquei bem feliz com o reencontro com minha amiga carioca, e

melhor, com as novas oportunidades que se abriam na minha vida. Antes de dormir orei

agradecendo por todas as bênçãos que estava recebendo. Com muita paz e felicidade

adormeci.

Acordei no meio da noite assustada e gritando. Tive um pesadelo horrível, não

conseguia me lembrar direito, mas sabia que era algo amedrontador. Levantei, tomei um

pouco de água e voltei para o quarto. Resolvi rezar e pedir proteção, fazia isso quando

era pequena e sempre dava resultado. Adormeci e dessa vez só acordei com o dia

clareando.

Como de costume fui pegar o jornal na porta e chamar a vovó na cozinha. Quando

entrei vi minha avó pálida e estática com o telefone na mão. Naquele instante um frio

percorreu minha espinha, tive certeza que algo de terrível havia acontecido. Eu tinha até

medo de perguntar. Lembrei do meu pesadelo e da minha aflição noturna.

Vovó me passou o aparelho, pude ouvir a voz aflita e amargurada da minha mãe. Ela só

conseguia chorar, depois de muito esforço, pude entender. Meu pai havia sofrido um

derrame e estava na UTI. Não pensei em nada, só tive tempo de pegar algumas roupas e

seguir para o aeroporto.

Embarquei na primeira ponte área, os 45 minutos de voo pareciam uma eternidade.

Assim que desembarquei vi a Ligia me esperando no saguão. Ela me deu um abraço

carinhoso e seguimos para o hospital. Não falei nada durante o trajeto, e Ligia respeitou

meu silêncio.

Quando cheguei ao corredor da UTI vi minha mãe aflita e chorosa. Ela correu e me

abraçou de forma emocionada. Ali pude perceber que o estado de saúde do meu pai era

grave. Ela só chorava, e sem dizer uma palavra, me apontou o quarto dele. Entrei e vi

uma cena que nunca mais esquecerei.

Deitado na cama, cheio de fios e aparelhos ligados ao corpo estava meu super-herói,

amigo, protetor, pai. Nunca imaginei ver meu pai tão debilitado, frágil, sem proteção.

Era como se meu super-pai se transformasse em um simples mortal, e agora, ele não

poderia me proteger.

Eu segurei sua mão e nessa hora a emoção tomou conta de mim. Não pude mais me

controlar, chorei copiosamente. Deixei toda tristeza, dor e raiva por ver meu pai naquele

estado, extravasar. Ele abriu os olhos, pelo menos seu olhar era o mesmo, um misto de

doçura e compreensão. Ele parecia sereno, conformado, ou melhor, pronto para algo

que eu nem conseguiria ou queria aceitar. Devido o derrame ele não conseguia falar

direito, mas como era linha dura, não desistia fácil de nada, se esforçou ao máximo e

conseguiu balbuciar uma frase que me marcaria para sempre:

- Viva filhinha!- e apertou com muita força minha mão. Não respondi, apenas dei um

sorriso, consentindo com ele. Nessa hora a vida me deu a maior rasteira de todas, levou

sem dó e nem piedade o homem da minha vida. Meu pai, amigo, protetor, professor,

conselheiro, ídolo, meu tudo e meu nada; minha alegria e vida. Ele partia, mas dessa vez

sem voltar.

Chorei por alguns minutos segurando a mão do meu amor, e ali, percebia a força e

intensidade do amor que eu sentia por ele. O amor incondicional, que nem mesmo a

morte é capaz de matar. Eu sabia que mesmo ausente eu nunca me esqueceria dele, de

seus conselhos, suas broncas, risadas, tudo que ele me ensinou e proporcionou durante

minha vida. Eu o amaria ainda mais, faria de tudo para manter a imagem e a presença

dele viva. Meu pai foi um guerreiro e não poderia passar em branco.

Quando saí do quarto vi minha mãe sentada. Ela estava abatida, olhos fundos de tanto

chorar. Assim que ela levantou a cabeça e me olhou, não resistiu e aos gritos correu

para o quarto. Eu podia ouvir a dor dela, algo que nunca imaginei presenciar. Ela

abraçava e sacudia o corpo inerte do meu pai. Ela não podia aceitar que seu amor, alma

gêmea havia partido e deixado ela sozinha com sua dor.

Respeitei aquele momento deles. Depois consegui convencer minha mãe que era melhor

saírmos e providenciarmos tudo para o velório do papai. Meus tios, amigos, vovó Inês,

todos vieram ao velório.

Foi uma cerimônia muito bonita e emocionante. Os amigos do papai estavam presentes.

Em cima do caixão uma bandeira do Brasil e do São Paulo Futebol Clube agasalhavam

meu pai. Minha mãe ficou calada durante toda a cerimônia, só chorava e observava o

corpo de papai. De repente vi o Paulo Henrique e seus pais chegarem. Eles nos

cumprimentaram e foram bem solidários a nossa dor. Paulo me deu um longo abraço e

chorou muito, afinal, ele era bem ligado ao meu pai. Soube pela minha mãe que os dois

ainda se falavam e jogavam a costumeira pelada de sábado.

Ele olhou dentro dos meus olhos, disse com toda sinceridade, que naquele momento

também perdia um pai e amigo. Eu não consegui conter as lágrimas e chorei feito

criança abraçada ao Paulo. Ele me levou para o lado de fora, sentamos num banco e

conversamos sobre amenidades. Lembramos de passagens divertidas ao lado de papai.

Das vezes em que fomos ao Morumbi assistir o São Paulo jogar, porque Paulo também

era são paulino. E nessa energia gostosa fui me acalmando e deixando a dor sumir um

pouco.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Quando terminou a cerimônia seguimos para a casa dos meus pais. Foi a parte mais

difícil, entrar naquela casa e não ter meu amigão esperando, sempre sorrindo e disposto

a me dar colo.

Chorei muito, sentei no meu balanço e esperei que ele chegasse para me impulsionar,

como sempre fazia. Mas ele não veio. Eu precisava seguir sem ele. Senti uma forte dor

no peito, era demais ter que me acostumar com a ausência dele. Eu não sabia viver num

mundo em que meu pai não existia.

Minha mãe depois de muito relutar tomou um banho e adormeceu. Ela estava à base de

remédios e calmantes. Vovó resolveu ficar com ela até que tudo se acalmasse. Eu liguei

para Jessie, que mais uma vez foi super amiga, e adiamos nossos negócios. Fiquei umas

semanas em São Paulo, e tenho certeza, foram os dias mais longos e dolorosos que já

vivi. Lígia, Juninho e Paulo Henrique se revezavam para tentar deixar meus dias mais

alegres. Confesso que descobri um amigo maravilhoso, nunca imaginei que o Paulo

fosse ser tão doce e sensível comigo. Ele em nenhum momento tocou no assunto do

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI



nosso rompimento, me deixando mais confortável com a situação.

Era uma tarde de domingo quando o Paulo chegou todo uniformizado: camisa do São

Paulo, bandeira e uma camisa para mim. Ele me levou ao estádio para assistir um

clássico paulista, o preferido do papai: São Paulo X Corinthians. Fui vestida com a

camisa do papai, e quando entrei no Morumbi não resisti, chorei feito uma menina

desconsolada. Mas logo uma paz e uma alegria tomaram conta de mim. Era como se

meu pai tivesse ali, me abraçando e dizendo: “viva filhinha!”

Eu não tive dúvidas, gritei muito, torci pelo tricolor paulista como nunca tinha torcido.

Vibrei demais nos dois gols são paulinos, e ali, num dos lugares preferidos do meu pai,

prometi a ele que cumpriria minha promessa: viveria de forma intensa.

Quando cheguei em casa agradeci ao Paulo pelo carinho e amizade que ele me

proporcionou naqueles dias. De forma linda e sutil, ele me beijou os lábios e disse que

nunca se esqueceria de mim. Prometeu manter nossa amizade e agradeceu por eu ter o

ajudado a ver a vida com outros olhos.

Me contou que após o rompimento do nosso noivado buscou compreender os  
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

motivos

que me levaram a desistir dele, e foi quando ele se encontrou, percebeu que também

estava vivendo uma mentira. Decidiu viajar pelo mundo, para tentar encontrar um

sentido verdadeiro na vida. Fiquei emocionada e feliz, pelo menos eu tinha ajudado ele,

ao invés de trazer mágoa ou revolta. Dei algumas dicas dos melhores lugares que ele

poderia ir, afinal, eu sabia melhor do que ninguém o gosto do Paulo. Ficamos conversando por horas e nem vimos o tempo passar.

No dia seguinte mamãe me chamou para uma conversa. Percebi que ela tinha encerrado

o luto, pelo menos o externo, e decidido o que fazer da vida. Ela sempre foi prática e

objetiva, eu sabia que logo ela retomaria as rédeas da sua vida. E não foi com surpresa

que recebi a notícia de que ela e vovó viajariam para a Europa.

Vovó tinha um irmão que morava em Londres, então elas ficariam lá por uns tempos e

aproveitariam para fazer um tour pela Europa. Eu dei força para ela, afinal, a vida tinha

que continuar. Eu queria minha mãe feliz, e meu pai também concordaria comigo.

Me despedi da Ligia e do Juninho, e fui almoçar com o Paulo. contei para ele  
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

dos

planos da minha mãe e ele ficou muito feliz. Paulo tinha decidido começar sua viagem

pela Austrália, achei uma boa opção. Ele contou animadamente todos seus planos de

viagem. Por um momento, era como se fôssemos aqueles dois jovens no começo do

namoro, cheios de planos, sonhos e uma vida inteira pela frente. Por que a gente se

perdeu no meio do caminho? Por que a gente deixou para trás nossos sonhos, alegrias e

afinidades? Essas são perguntas sem respostas, mas fiquei feliz em saber que apesar de

separados estávamos felizes.

Depois de arrumarmos tudo e deixar a casa fechada, seguimos para o aeroporto. Quando

atravessei a rua, olhei para minha casa e vi que tudo estava diferente. Chorei lembrando

do papai, das tardes na varanda, e todas as festas que fazíamos naquele sobrado. Senti

uma tristeza enorme, sabia que não voltaria mais ali. Mamãe decidiu vender a casa, e o

nosso tio tomaria conta de tudo, para evitar mais esse sofrimento a ela.

De repente vi como num relance o meu pai. Ele estava lindo, com a farda do exército

que eu tanto amava, ele acenava e sorria para mim. Acenei de volta e segui para o carro.

Mais um capítulo lindo da minha vida ficava para trás. Agora nada mais me prendia a

São Paulo.

Decidi conhecer a boate da Jessie, mas antes iria fazer uma viagem solitária. Precisava

reorganizar meus pensamentos, sentimentos e retomar minha meta: ser feliz! Assim que

vovó e mamãe viajassem para a Europa eu embarcaria para o meu paraíso secreto:

Búzios.

## Capítulo 5

Estava tudo pronto para minha viagem. Levei minha mãe e vovó no aeroporto, e depois

seguiria direto para Búzios. No saguão do aeroporto mamãe me puxou no canto para

uma rápida conversa, enquanto vovó conversava com meu tio e meus primos. Como era

de se esperar, minha mãe me disse o quanto eu era importante na vida dela, que estava

viajando pra reencontrar um sentido na vida. Eu sempre soube o quanto ela me amava,

mas de repente ela me disse algo que mudou minha vida.

Em tom triste, mas firme, ela me contou que eu não era filha do meu pai.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Naquele

momento meu mundo caiu. Como eu não era filha do meu pai?! E por que só agora, e

num lugar impessoal ela veio me contar a verdade? Faltavam três horas para o

embarque, tempo suficiente para ela resumir a verdadeira história da minha vida. Eu não

conseguia pronunciar uma palavra, só conseguia chorar e tentar entender por que a vida

estava me pregando àquela peça?

Senti que estava sendo muito doloroso para minha mãe contar um segredo tão sério e

revelador. Ela decidiu me contar, talvez por medo de morrer antes de eu saber a

verdade, ou porque com a morte do meu pai ficou mais sensível e vulnerável. O que sei

é que estava ali, em frente a minha mãe, e pela primeira vez, constatei que realmente a

minha vida tinha sido uma total farsa. Ouvi atentamente toda a história que ela

detalhava e não a interrompi em nenhum momento.

Somente meus avôs maternos sabiam da verdade, afinal, meus avôs paternos já eram

falecidos quando mamãe conheceu o meu pai. Quando ela conheceu meu pai, seu

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Mantovani, ela tinha acabado de chegar de uma temporada de fotos em Milão. Como

eles sempre disseram, foi amor à primeira vista. Em seis meses estavam casados e logo

em seguida eu nasci.

Agora começo a entender a pressa do casamento, e também, como eu fui concebida tão

rápido. A verdade é que minha mãe estava grávida quando conheceu papai. Ela teve um

romance relâmpago com um famoso fotógrafo italiano. Quando ela conheceu meu pai,

ainda não sabia da gravidez acidental, fruto da sua imaturidade e típica eloquência.

Com um mês de namoro ela percebeu que estava grávida, e como ela e meu pai não

mantinham ainda relações sexuais, constatou que o filho, ou melhor, a filha, era do

italiano. Na mesma hora procurou meu pai e contou toda a verdade. Com era de esperar,

meu lindo e saudoso pai, aceitou toda a história. Confortou minha mãe, disse que a

partir daquele momento eu era sua filha, e ainda, fez minha mãe prometer que nunca

contaria a ninguém a verdade. Ele cumpriu sua promessa. Me senti sua filha, e nunca

duvidei da paternidade dele. Foi o pai mais amoroso e amigo que eu poderia

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

sonhar. E

ainda sinto isso, ele sempre será o meu único e verdadeiro pai.

Eu o amo com tanta força, e agora sabendo da verdade, eu o amo ainda mais. Porque ele

me escolheu como filha, me desejou e amou com toda sinceridade e alma. Ele foi meu

pai, e não um simples reprodutor. Eu o amo e nunca esquecerei a forma como ele me

acolheu, amou e ensinou os principais valores da vida. Não senti raiva e muito menos

mágoa da minha mãe. Sei que ela errou, mas nunca faltou nada para mim. Pelo

contrário, ela me deu o melhor pai que eu poderia pedir para a vida. Sabia que naquele

momento ela estava muito mexida e magoada.

Abracei-a com todo meu amor. Agradei por tudo que ela me deu na vida, e

principalmente, por ter me dado à honra de ser criada por um homem tão digno e

especial. Ela chorou, com muito alívio, me confessou que esse segredo a sufocava por

anos. Entendi sua preocupação e nos entendemos, como sempre fizemos quando algo

difícil acontecia em nossas vidas.

Ela me contou que meu pai biológico se chamava Guido Barata, um famoso fotógrafo

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

de moda em Milão. Ele era dez anos mais velho que ela. Um bom vivant, solteirão

convicto e apreciador da vida aventureira. Assim que ela soube da gravidez comunicou

ele, que sem surpresa pelo acontecido, disse que ela deveria ter se cuidado. Perguntou se

minha mãe queria dinheiro para o aborto. Naquele instante minha mãe desligou o

telefone e nunca mais retornou a ligação.

Há seis anos ela soube pelos noticiários que ele falecera. Estava dirigindo embriagado

numa estrada de Milão e colidiu com um caminhão. Foi morte instantânea. Ela disse

que orou pela alma dele e jogou algumas rosas no mar, uma forma de se despedir do

homem que deu o maior presente de sua vida. Ela confessou que não sentia mais mágoa

dele, porque se ele não tivesse a engravidado, ela nunca teria a chance de ser mãe. Mais

uma surpresa, meu pai era estéril.

Agora vejo como a vida é sábia. E naquele momento me senti abençoada e feliz.

Infelizmente meu pai biológico estava morto, mas de alguma forma eu iria rezar por ele

e agradecer pela oportunidade da vida, apesar dele não ter consentido com o meu



nascimento.

Fiquei deitada no colo da minha mãe recebendo um gostoso cafuné. A gente se

conectou de uma forma tão linda, que não queria que aquele momento acabasse. De

repente o alto falante anunciou o embarque delas e seguimos para o portão de embarque.

Abracei e agradei minha avó pelos momentos maravilhosos que passei ao lado dela nos

últimos meses, e disse que cuidaria da casa como se fosse minha. Depois dei um beijo e

um longo abraço na minha mãe. Disse para ela recomeçar, e se fosse o caso, amar

novamente. Ela era uma mulher linda, atraente, cheia de vida e disposição. Tenho

certeza que meu pai consentiria com esse meu conselho.

Ela sorriu, disse que amar novamente não seria possível, papai consumira todo o amor

que ela podia proporcionar a um homem. Aquilo me encheu de emoção. Choramos

abraçadas por um tempo e ela partiu. Senti uma tristeza, agora me despedia de duas

pessoas essenciais para minha felicidade. Estava feliz, porque elas mereciam esse

descanso, e mais, serem felizes.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Fui jantar com meus tios e primos num restaurante perto de casa.  
Conversamos de

forma animada, falamos de casos engraçados de quando vovô era vivo. Foi  
uma noite

bem agradável. Me senti acolhida e feliz. Agora eles eram minha referência  
de família,

pelo menos por enquanto. Me despedi deles e decidi pegar a estrada. Já era  
tarde, mas

conhecia bem o caminho, estava disposta a viajar e relaxar.

Fui todo o trajeto relembando a conversa reveladora com minha mãe.  
Comecei a

pensar em como foi doloroso para meu pai esconder por tanto tempo a falsa  
paternidade. Mas ao mesmo tempo sabia que não, porque ele era feliz,  
sempre

demonstrou essa felicidade. Na verdade ele devia se sentir abençoado, afinal,  
a vida lhe

deu uma filha. Decidi não pensar mais no assunto, iria passar uma borracha,  
porque meu

pai é ,e sempre será, seu Bento Mantovani, e fim de papo.

Quando cheguei a Búzios já era madrugada. A cidade estava quieta, e  
somente algumas

pessoas circulavam pela Rua das Pedras; a rua mais bonita, charmosa e que  
abriga as

pessoas mais interessantes num mesmo metro quadrado. Não é ser exagerado  
dizer que

na Rua das Pedras todo mundo tem um charme diferente. Não sei se é por causa da

atmosfera do lugar, mas não vejo ninguém feio passando pela rua, parece que todos têm

um brilho especial.

Frequento Búzios desde a infância. Meu tio tem uma casa linda na Praia Brava. Sempre

que queria fugir do mundo, me equilibrar vinha para Búzios. Quantas histórias eu passei

aqui. Se tiver um paraíso na Terra, esse lugar é aqui. Já fui para muitas cidades

litorâneas, dentro e fora do Brasil, mas nada se compara a Búzios, e Brigitte Bardot

concorda comigo.

Cheguei na casa do meu tio, desembarquei minhas tralhas, tomei um banho e fui dormir

na rede. Fiquei pensando na vida, em tudo que estava acontecendo, nas mudanças

bruscas e na forma como eu deveria agir daqui para frente. Sem perceber adormeci ali

na rede.

Estava novamente no meu jardim encantado, que dessa vez estava mais florido e

iluminado. Senti o cheiro gostoso daquele lugar e a paz que me dava. De repente para

minha surpresa avistei uma figura mais do que conhecida: meu pai. Ele estava lindo,

todo de branco e com uma aparência de felicidade extrema. Ele sorriu para mim e veio

ao meu encontro. Me deu um abraço apertado, transmitiu tanta paz e alegria, que não

tive vontade de chorar. Ficamos sentados perto do lago e ele conversava animadamente

comigo. Não lembro o que dizia, só sei que me sentia em paz e feliz. Antes de partir, ele

me olhou nos olhos, deu seu famoso e gentil sorriso e disse:

- O verdadeiro amor levamos por toda a vida. Nem a morte pode nos separar. Você

sempre será a minha filhinha.

Acordei com uma sensação gostosa, e uma paz que nunca havia sentido. Lembrava de

algumas partes do meu sonho, mas a frase do papai não saiu mais da minha cabeça. Eu

tinha certeza que era ele, nos encontramos de verdade, em espírito, mas era ele. Decidi

procurar um centro espírita quando voltasse para o Rio. Eu precisava encontrar

respostas, conhecer mais sobre a vida após a morte. Precisava me alimentar de coisas

construtivas, saber mais sobre o significado da vida, minha fé precisava ser fortalecida.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Estava decidida a dar mais atenção a minha espiritualidade.

Coloquei meu biquíni, arrumei minhas coisas e segui para a cidade. Tomei café numa

padaria e fui direto para minha praia preferida. A Praia de José Gonçalves não é muito

conhecida pelos turistas. Para chegar nela é preciso percorrer uma estradinha de terra

por alguns minutos, algo não muito agradável para os carros, já que tem muitos

desníveis, mas a vista final compensa qualquer esforço, ou amortecedor desgastado.

Ali me sentia em casa, uma praia deserta e linda. A água cristalina e as ondas quebrando

nas pedras era tudo que eu precisava ver naquele momento. Na praia só tem dois

quiosques e mais nada. Como o mar estava tranquilo, nem os habituais surfistas estavam

ali.

Subi nas pedras e fiquei apreciando aquele paraíso. Pensei em tudo que poderia

imaginar. Me lembrei de momentos felizes, e claro, das vezes em que o papai me levava

ali e ficávamos no alto das pedras apreciando o mar e jogando pedras na água.

Naquele instante rezei por eles, meus pais, e também pelo pai italiano. Onde ele

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

estivesse ele sentiria meu carinho e agradecimento por ter me concebido.  
Fiquei

melancólica, mas feliz e agradecida pela oportunidade de estar ali, viva, e de ter tido a

oportunidade de acordar e recomeçar.

Decidi entrar no mar e limpar minha alma. Fiquei mais de uma hora naquele mar

maravilhoso. Nadei, boiei, brinquei como uma criança feliz que sem se preocupar com

nada vive o momento.

Quando percebi vi que estava sendo observada. Mas não me preocupei, continuei me

divertindo no mar. Quando resolvi sair da água pude conhecer meu admirador. Seu

nome era Pablo, um argentino de 38 anos, pele morena do sol, cabelos castanhos claros,

um sorriso perfeito e encantador. Ele parecia ter saído de um comercial da Armani, de

tão lindo e perfeito que era. Ele se aproximou de mim e tentou uma conversa em

portunhol. Como eu falava espanhol fluentemente ficou fácil a nossa conversação. Ele

era uma pessoa muito agradável, o nosso papo fluiu naturalmente, e em poucos minutos,

já éramos velhos amigos.

Pablo estava de passagem por Búzios. Ele era modelo fotográfico, e também fotógrafo.

Me contou que sua alegria era sair pelo mundo fotografando as belezas naturais de cada

região. Mas ultimamente estava num projeto mais politizado, ele fotografava a miséria e

as diferenças sociais dos países subdesenvolvidos. Parou em Búzios para relaxar antes

de partir para a África. Fiquei fascinada com as histórias que ele me contava. Naquele

momento me esqueci de todos os meus problemas, e só via o Pablo, e suas fantásticas

histórias na minha frente.

Fomos para a cidade almoçar. Ele me levou num restaurante muito aconchegante na

beira da praia. Comemos um delicioso peixe assado e tomamos duas garrafas de vinho

branco. Essa bebida sempre foi minha perdição, eu não sei o que acontecia, mas bastava

eu tomar vinho branco para me tornar outra pessoa. Me sentia mais leve, intensa, com a

libido à flor da pele. Mas não evitei nada. Fiquei ali sentada na areia e ouvindo cada

palavra que meu argentino pronunciava.

Ele tinha o dom da oratória, eu nem piscava enquanto ele falava. Mas também não era

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

nenhum sacrifício admirar aquele monumento em forma de homem. Eu também falava,

contava minha vida, meus medos, frustrações, anseios, e a virada que dei na minha vida.

Naquele instante eu fui tão verdadeira, que o Pablo teve o privilégio de conhecer a

Paola sem nenhuma máscara: eu despi minha alma para ele. O argentino foi tão

envolvente que não resisti, nos amamos loucamente numa praia deserta. Foi algo

mágico e inesquecível. O cenário era perfeito: a lua cheia, o barulho das ondas

quebrando, a areia branca, o vinho, o corpo perfeito de Pablo sobre mim. Nada estava

errado, eu me entreguei totalmente e senti um prazer indescritível. Naquela hora me

senti uma mulher completa. Depois de nos amarmos, corremos para o mar e nadamos

livres e felizes. Foi uma noite inesquecível, queria parar o tempo.

Levei Pablo para minha casa e continuamos nossa noite quente, regada a muito desejo

e vinho branco. No dia seguinte a conta chegou. Minha cabeça parecia pesar vinte

quilos, mas Pablo compensava qualquer ressaca. Ele teve o capricho de me acordar com

um lindo café da manhã na cama. Tudo tão lindo e perfeitamente decorado,

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI



até uma

rosa tinha na bandeja. Ele se preocupou em acordar mais cedo, buscar tudo de melhor

para adocicar meu dia. Fiquei me sentindo a própria rainha. O que eu mais eu poderia

pedir da vida?

Tomamos nosso café da manhã e seguimos para mais uma aventura. Estar com Pablo

era tão bom, parecia que a monotonia não existia. Ele era ligado no 220v e sempre

vinha com uma surpresa, cada uma mais agradável que a outra.

Fomos passear de lancha e ancoramos numa ilha em Angra. Um amigo de Pablo tinha

emprestado a casa para quando ele quisesse espairecer. Me senti no enredo de um filme

americano, essas comédias românticas, em que a garota que sempre sofreu por amor, de

repente conhece o cara perfeito, que como num passe de mágica começa a realizar todos

os sonhos românticos da pobre menininha carente. Era assim que eu estava sendo

presenteada a cada minuto.

Nadamos naquela praia com água cristalina. Parecia cena de comercial, mas era real, eu

estava ali naquele paraíso e estava feliz. Depois ele me levou para almoçar

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

num

restaurante flutuante. Nem preciso dizer que meu dia terminou com muito amor regado

a vinho branco. Decidimos não dormir. Ficamos na praia bebendo e conversando sobre

tudo.

Foi uma noite linda e inimaginável. Nem nos sonhos mais românticos poderia imaginar

tanta beleza, felicidade e sinceridade nos momentos que estava vivendo. A gente se

completava de uma forma única, ele me dava prazer e alegria. Parecia que o assunto não

acabaria nunca. A gente também se portava como dois adolescentes apaixonados. Até

guerra de areia molhada a gente fez. Me senti feliz e realizada.

Passamos vinte dias juntos. Fomos a todas as praias de Búzios, e ainda esticamos em

algumas de Angra. Fomos a restaurantes, boates e até num parque de diversão que

estava na cidade. Vivi momentos únicos com Pablo, nunca me esqueceria dele.

No nosso ultimo dia juntos, já que ele teria que partir para a África, aconteceu o

inesperado. Pablo me levou para jantar num restaurante flutuante, mas dessa vez só

tinha nós dois. A mesa toda decorada de forma romântica e delicada. Luz de velas e

uma música suave ao fundo, completava o cenário perfeito.

Pablo me tirou para dançar, e ao luar mais lindo que já presenciei, me entreguei àquele

momento de corpo e alma. Eu não tinha mais dúvidas: eu amava Pablo com toda a força

do meu ser.

De repente ele me despertou dos meus pensamentos e se declarou. Disse que me amava,

que nunca sentiu nada igual na vida por nenhuma mulher. Me contou que os dias que

passamos juntos fez ele pensar em dividir a vida dele. Criar uma história a dois, não

viver mais solitário pelo mundo, como fazia até hoje. Me agradeceu por ter apresentado

o amor à ele, e finalizou, dizendo que queria me levar com ele para África , ou para

onde quer que ele fosse.

Chorei de felicidade. Só consegui dizer que também o amava muito. Estava certa de

que ele era o homem que sempre sonhei e esperei. Vivemos naqueles dias o que muitas

pessoas nunca viveram ou viverão em toda a vida. Tive o prazer de conhecer o amor no

seu sentido mais puro e despretenso. A gente não tinha pressão, não se cobrava,

simplesmente vivia o momento, isso era amar. Dormimos abraçados de uma forma tão

intensa, que parecia que nossas almas ocupavam o mesmo corpo.

Acordei com o Pablo me observando. Ele sorriu para mim e perguntou se eu partiria

com ele. Esse foi um dos momentos mais difíceis e dolorosos que eu vivi. Eu não tinha

dúvidas que o amava, mas eu sabia que se viajasse com ele deixaria para trás os meus

sonhos; viveria a vida dele, os sonhos dele. Acabariam a minha espontaneidade e alegria

que o atraiu, e fez com que me amasse.

Talvez se ficássemos juntos, o dia a dia, as pressões do cotidiano destruíssem aquele

sentimento que a gente construiu. Eu não queria acabar com aquela magia. Queria

lembrar para sempre do Pablo mágico, lindo e perfeito que me presenteou com os

melhores dias da minha vida. E eu sabia que se partisse com ele aquilo tudo acabaria. O

convívio diário destruiria nosso sonho encantado.

Expliquei para ele tudo que vinha na minha alma, o quanto eu o amava, e que por o

amar tanto, não podia destruir ou sequer dar a chance de algo imacular o que vivemos

juntos. Ele entendeu minha teoria, e mais, disse que essa certeza só se tem uma vez na

vida, e que nunca me esqueceria.

Me deu um abraço apertado e demorado, beijou longamente meus lábios e abriu um

sorriso mágico. Disse que me amaria por todos os dias da sua vida, que quando eu

estivesse pronta para viver o amor real, e não só o encantado, estaria a minha espera.

Dei uma risada gostosa, joguei uma rosa para ele e fiquei vendo meu argentino amado

partir para sempre.

Eu não chorei, só conseguia agradecer pela oportunidade de ter vivido aqueles dias

lindos, por ter finalmente, conhecido o amor entre um homem e uma mulher. Cheguei

em casa e arrumei minhas coisas. Não fazia mais sentido eu ficar ali sem o Pablo. Tinha

conseguido o que fui buscar em Búzios: minha alegria e força suficiente para tocar meu

projeto de vida.

Separei as fotos que tiramos juntos durante nosso romance. Eram tantas fotos que dava

para fazer um livro fotográfico. Ele me deu todas as cópias e disse que guardaria como

sua vida as originais. Eu tinha na memória cada instante daqueles dias, não precisava de

fotos para comprovar a felicidade que vivi naquele paraíso. Sem muita demora arrumei

tudo e voltei para a cidade maravilhosa.

## Capítulo 6

De volta ao meu lar! Como era bom voltar. Com a energia maravilhosa que trouxe de

Búzios nada me deteria. Logo que acordei fui caminhar como de costume na orla e

meditar no Arpoador. Quando estava observando os surfistas alongarem na areia,

reconheci um rosto familiar. Era ele! Meu moreno de sorriso encantador, o mesmo que

me hipnotizou aquela noite no BG. Não era possível. Além de lindo, encantador,

também surfava, e como surfava.

Fiquei hipnotizada mais uma vez, ele parecia fazer parte do mar. Deslizava sobre as

ondas, entrava nos tubos e fazia as manobras mais clássicas e perfeitas que eu poderia

presenciar. Me lembrou o Raúl, meu bailarino do mar. Nem percebi o tempo passar.

Fiquei algumas horas admirando meu príncipe surfista. Quando ele saiu da água resolvi

me aproximar. Queria que ele visse que eu estava ali. Mas para minha surpresa, ou

melhor, nem tanta assim, ele já tinha alguém a sua espera. Uma típica carioca, essas

ratas de praia, como costumam falar. Aquela criatura parecia que nasceu numa

academia de ginástica e para completar tinha um rosto lindo. Tudo bem que eu também

era bonita, tinha meu charme, mas resolvi não competir com a Maria Parafina. Recolhi

minhas coisas, minhas esperanças e fui para casa.

No caminho fiquei relembrando os dias que passei com Pablo. Era ele que eu amava, e

tinha vivido momentos mágicos. Não tinha cabimento eu ficar triste porque o surfista

tinha namorada. Mas ele me atraía de uma forma que eu não conseguia explicar. Nem

mesmo após conhecer o amor com Pablo, fiquei imune ao magnetismo daquele homem.

Eu sentia que tínhamos algo em comum, mas não sabia o que era. Mas se a vida nos

colocou duas vezes no mesmo lugar, haveria de ter outra oportunidade para eu descobrir

porque ele me hipnotizava tanto.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Liguei para a Jéssica e fomos almoçar juntas na Barra. A Barra da Tijuca tem um

charme diferente. Ela faz parte do Rio, mas é como se fosse o outro lado da cidade

maravilhosa.

Aqui no Rio costumam dividir, o povo da zona sul e o pessoal da Barra. É mais uma

coisa de divisão de território da molecada, dos jovens, melhor falando. Mas a Barra tem

seu charme. Eu adorava dirigir até o Recreio, e enfim, pegar a estradinha que leva até a

Prainha. O lugar mais lindo, hipnotizante e mágico que uma pessoa pode imaginar.

Quando você avista a Prainha do alto da estrada parece que vislumbra o paraíso. É uma

maravilhosa obra de Deus. Tudo é lindo: o mar, as pedras, a areia. Não conheço uma

pessoa que não pare o carro no alto da estrada e tire um foto desse cenário. Só conhecendo pessoalmente para saber.

Eu e Jessie almoçamos no restaurante que tem no alto da Prainha, enquanto conversávamos, admirávamos a praia e os surfistas no mar. Depois de colocarmos o

papo em dia, resolvemos falar de negócios. Ela já tinha conversado com o primo, que

prontamente aceitou a proposta. Ela me comunicou que ele iria nos encontrar

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI



ali, fiquei

surpresa, mas era bom, assim já saberia se valeria a pena ou não ser sócia deles.

Ficamos falando amenidades. Eu dei uma resumida na minha semana mágica com meu

argentino. Quando de repente tudo em volta sumiu. Não conseguia mais ver e nem ouvir

ninguém. Só ele me interessava. Não era possível, os deuses queriam me dizer algo.

Meu surfista moreno e sua Maria Parafina estavam ali, e o pior, vinha em direção a

nossa mesa. Sem pensar em nada fiquei esperando o desenrolar daquele momento. Ele

chegou à nossa mesa, deu um beijo na Jessie, e em seguida, me abriu um sorriso e se

apresentou:

-Prazer, eu sou o Henrique, primo da Jessie.

Não pensei em mais nada. Só pude sorrir aliviada e me apresentar também. A Maria

Parafina, na verdade era Laísa, uma criatura adorável. Isso que sempre me irritava. Toda

mulher que eu não simpatizava de primeira acabava se tornando uma pessoa especial

para mim.

Ficamos os quatro conversando animadamente sobre tudo. Ele não me

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

reconheceu.

Ainda bem, porque seria ainda pior ele perceber que eu era a boba que saiu correndo

dele no BG. Descobri que ele era músico, e há tempos trabalhava como Dj. Era um

típico carioca, seu sotaque, jeito maneiro e calmo não disfarçava seu lado carioca.

Henrique era um homem altamente simpático e sedutor. Demonstrava muita simplicidade, e para variar, mais uma vez me hipnotizava. Mas ali, sentada e observando ele e Laísa, comprovei que nosso magnetismo era na esfera da amizade, e

não uma relação amorosa entre um homem e uma mulher. Os dois estavam juntos há

um ano. Era muito bonito ver a relação deles, a forma como ele a tratava e vice-versa.

Ali naquele dia eu enterrei de vez qualquer esperança de ter um relacionamento

amoroso com o meu príncipe surfista. A partir daquele momento ele seria meu amigo e

sócio, nada mais.

Combinamos de nos encontrar à noite na boate. Eu queria ver o local, como funcionava

e tudo mais, para assim poder me aventurar no negócio. Dormi à tarde, algo que há

muito tempo não fazia. Foi um sono gostoso e tranquilo. Sonhei que estava

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

com o Pablo

na Prainha, a gente se divertia e se amava como sempre. Acordei feliz e com muita

saudade dele.

Será que algum dia a gente iria se reencontrar? Eu não queria pensar muito no assunto,

afinal, fui eu quem não quis seguir meu argentino. Mas eu não podia desistir da minha

busca, dos meus sonhos.

Resolvi levantar e tomar uma ducha. Pedi uma comida japonesa e fiquei vendo novela.

De repente lembrei que dentro de alguns dias começariam minhas aulas no teatro. Só de

pensar em representar na frente de desconhecidos, me deu um frio na barriga. Mas tudo

bem, sempre adorei desafios, esse seria apenas mais um.

Me arrumei no capricho. Enrolei meus cabelos, coloquei um vestido colorido que

favorecia meu corpo. Agora que não era mais uma neurótica do spinning, tinha ganhado

uns quilinhos, mas nada que me denominasse gorda, muito menos o estilo gostosona.

Eu era o que chamam de falsa magra. Coloquei meu perfume preferido, me maquiei e

segui para a boate. Antes passei pelo BG para encontrar a Jessie e fazer uma  
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

social com

a galera.

De repente a Jessie me cutucou e mostrou um ator famoso da TV sentado na mesa ao

lado. Ele era o típico galã de novela. Alto, moreno, sorriso largo, uma beleza e charme

indiscutível. Ele ficou me encarando, e eu para variar, desviei o olhar e fugi da paquera.

Resolvemos seguir para a boate. Na hora de sair dei uma ultima olhadinha, e para minha

surpresa, ele continuava me encarando. Fingi desprezo e fui embora.

Quando chegamos na boate fiquei fascinada. A decoração, a música tocando, as

pessoas, a magia daquele ambiente me encantaram. Foi amor à primeira vista. Resolvi

curtir a noite, como nos velhos tempos de Londres. Me aventurei um pouco no bar,

preparei alguns drinks, e junto com a Jessie relembramos nossa performance como

bartender.

Até a nossa famosa coreografia para preparar os drinks a gente arriscou. A galera

aprovou, recebemos muitos elogios, e cantadas, é claro! Me senti muito feliz. Era isso!

Encontrei meu trabalho e minha turma. No final da noite anunciaria a minha  
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

decisão.

Além de me divertir trabalhando, ainda teria lucro, afinal, era a boate mais famosa do

Rio.

No final da noite o Henrique chegou com a Laísa. Ele veio me cumprimentar, saber se

tinha gostado do lugar, e seguiu para a sua cabine. Ele era um Dj de primeira. Amei a

seleção de músicas que ele tocou, e o jeito como trabalhava.

Percebi que o Henrique era uma atração à parte da boate. A mulherada ficava fascinada

com a beleza e charme dele. E a ala masculina se rendia ao talento do famoso Dj. A

pista estava lotada, as pessoas animadas e felizes. Eu sabia que essa euforia da noite

passava no outro dia de manhã. Às vezes com algumas sequelas, nem sempre agradáveis.

Percebi que estava sendo observada. No camarote, o ator do BG que me paquerou horas

atrás, agora estava ali, na minha frente, com seu sorriso encantador. Apresentou-se e me

convidou para sentar com ele e tomar uma bebida. Resolvi aceitar, afinal, eu era solteira

e queria mais era curtir a vida.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Conversamos sobre tudo. Ele me contou da sua carreira, seus planos e projetos futuros.

Eu acabei abrindo meu rosário, mas deixei para falar somente as partes alegres e

divertidas da minha vida. Ele adorou saber que eu iria cursar teatro, disse que me

ajudaria no que fosse preciso. Mas esclareci que não queria seguir a carreira de atriz, era mais um autoconhecimento.

Ficamos bebendo e conversando sobre tudo. Depois a Jessie, um amigo, o Henrique e a

namorada se juntaram a gente. Resolvemos esticar na pizzeria mais famosa do Leblon, o

point preferido da galera carioca para finalizar a noite com chave de ouro.

O papo foi bem animado, e quando achei que a noite, ou melhor, o dia, tinha chegado ao

final; todos resolveram tomar o café da manhã. Para não ser estraga prazeres acompanhei a galera.

Meu ator sempre atencioso foi junto. De repente vi com outros olhos aquele galã de tirar

o fôlego. Um homem tranquilo, boa praça, e sem qualquer tipo de estrelismo. Depois do

café da manhã, finalmente seguimos cada um para sua casa. Como eu estava de carro,

me despedi do meu acompanhante e trocamos telefone. Ele foi cavalheiro e educado até

o final. Me deu um beijo no rosto e agradeceu pela noite. Abri a porta do carro e segui

para casa.

Não me dei ao trabalho nem de retirar a maquiagem. Dormi na mesma hora e só acordei

depois da uma da tarde. Levantei ainda de ressaca. Tomei um banho demorado e segui

para minha caminhada e meditação. Apesar do horário eu não deixava de fazer meus

exercícios. Fiquei vendo uma galera que surfava e depois fui almoçar no shopping.

Quando escolhi um restaurante japonês para almoçar meu telefone tocou. Era meu ator

perguntando se tinha dormido bem, e se gostaria de almoçar com ele. Quando falei que

estava sentada prestes a pedir meu almoço, ele me convenceu a esperar por ele. Em dez

minutos meu galã preferido estava ali na minha frente. Sem muita cerimônia, ele me

deu um beijo e sentou para me acompanhar no almoço. Esticamos aquela refeição até a

hora do jantar. A gente tinha tanto assunto que não sentimos o tempo passar.

Resolvemos ir ao cinema, fazia tempo que não via um filminho acompanhada. A

história do filme não me agradou muito, mas a companhia compensava. Ele não tentou

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

nada, somente assisti ao filme calado. Depois resolvemos jantar num bistrô na Lagoa.

Foi maravilhoso. Ele era a companhia perfeita.

Não podia reclamar da minha sorte. Apesar de ter 45 anos, ele parecia ter no mínimo

dez anos a menos de sua idade. Ele tinha um espírito jovial, e uma animação

contagante. De repente sem que eu percebesse ele tomou a iniciativa. Aproximou-se

lentamente e me deu um beijo de tirar o fôlego.

Se todos os atores beijassem daquela forma eu mudaria de profissão prontamente, seria

atriz para sempre. Fiquei fascinada com a forma que ele me tratava. A noite estava

perfeita, uma lua linda e um clima de romance no ar.

Seguimos para o apartamento dele. Ficamos tomando vinho, mas tinto, e conversando

agarradinhos. Não dormi na casa dele, e decidi não fazer sexo. Eu achei melhor evitar

por enquanto. Ele me respeitou e foi mais uma vez gentil e agradável. Na hora de descer

do carro ganhei um beijo delicioso e um abraço bem quente. Nem preciso falar que

dormi feito um anjo. Definitivamente: eu estava na vida que queria.

Depois de alguns dias fui até a boate e acertei tudo com a Jessie e o Henrique. Estava

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI



concluída nossa sociedade. Em pouco tempo daria a quantia estipulada por eles, e a

boate seria dividida para os três em partes iguais.

Fiquei feliz, era um novo passo que dava na minha vida. Na mesma hora liguei para

minha mãe e contei tudo. Ela ficou feliz e surpresa. Mas como sempre, me apoiou.

Resolvi não falar nada do meu romance em Búzios, e nem do ator. Não queria que ela

se preocupasse comigo.

Falei com a vovó e fiquei sabendo que as duas estavam se divertindo muito. Apesar de

minha mãe chorar todos os dias antes de dormir, ou quando via algo que lembrava meu

pai. Mas isso era de se esperar, com o tempo ela se acostumaria mais com a situação.

Desliguei e fui direto para a academia. Ultimamente só fazia spinning e yoga duas vezes

por semana. Deixei de lado minha loucura por malhação, aboli a musculação para

sempre.

Quando saí da academia passei na casa da Jessie e ficamos conversando sobre a vida.

Ela me contou que estava apaixonada pelo Pedro, um loiro que ela conheceu em

Londres e agora tinha voltado para o Brasil. Eu não conhecia ele, mas sabia que era bem

mulherengo e playboy. Não trabalhava, era de família rica e tradicional do Rio. Morava

na Vieira Souto, o endereço mais caro da cidade, e um dos mais caros do Brasil. Era

filho único, e mais mimado que tudo.

A Jessie me contou algumas histórias dele, e de antemão, já não gostei. Eu tenho

muitos amigos ricos, mas todos responsáveis e trabalhadores. Mas o que mais me

incomodava era a forma como ele levava a vida. Vivia dando festas regadas a muita

bebida, drogas e orgia. A Jessie merecia coisa melhor. Mas mulher apaixonada não

costuma ouvir ninguém. Naquela noite ele daria uma festa fechada na nossa boate. Seria

obrigada a conhecer o figura.

Cheguei em casa e fui descansar antes de ir para a boate. Acordei com o telefone

tocando. Nem vi o número na tela e atendi. Fiquei surpresa ao ouvir a voz do meu

argentino. A ligação estava ruim e o som longe, mas só de ouvir a voz dele, meu

coração chegou a doer.

Ele contou que estava na África e que estava tirando fotos lindas. Contou um pouco da

aventura que era fotografar lá e terminou dizendo que sentia muito a minha falta. Fiquei

muito feliz de saber que ele ainda pensava em mim. Não comentei nada do ator, e nem

era necessário.

Ao falar com ele tive a certeza que não sentiria por mais ninguém o que senti com ele.

Conversamos mais uns minutos, contei do meu novo negócio, e depois nos despedimos.

Ele disse que me amava, que torcia pela minha felicidade, mesmo não sendo ao lado

dele.

Senti que ele foi sincero, e eu sentia o mesmo em relação a ele. Esse é o verdadeiro

amor. Deixamos o ser amado livre, independente de estarmos ou não juntos, sempre

desejamos a felicidade do outro. Amar não é aprisionar. Ele me ensinou muito, e

continuava a me ensinar. Perdida nas minhas lembranças fui tomar um banho e me

arrumar.

Quando cheguei na boate vi o Henrique um pouco cabisbaixo. Chamei ele no canto para

conversar. No começo disse que estava bem, mas depois resolveu se abrir.  
Contou que

tinha rompido naquela tarde com a Laísa. Ele resumiu um pouco a história.

Confessou que não gostava mais dela, e que como viajaria por uma  
temporada de mais

de um ano, achou melhor não prender ela num relacionamento que não  
vingaria. Achei

muito bonita a atitude dele. Só que ele ficou chateado com o término, porque  
apesar de

tudo, tinha um carinho por ela.

Ele me confidenciou que só amou duas vezes na vida. Uma quando era  
pequeno, uma

coleguinha do bairro. E depois uma modelo catarinense que ele conheceu em  
Floripa no

verão. Eles viveram um romance tórrido, e sem pensar duas vezes, foram  
morar juntos

no Rio.

A relação durou três anos, até a modelo decidir seguir carreira internacional.  
Não

pensou duas vezes na hora de terminar com Henrique. Seus olhos encheram  
de água

quando contou o sofrimento que viveu quando ela foi embora.

Ele me jurou que depois dela não conseguiu mais se apaixonar. A Laísa foi a  
única

mulher com quem ele se relacionou seriamente depois da modelo. E agora,

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

ele se via na

pele do traidor, do que abandona o ser amado. Percebi que ele se sentia péssimo e o

convidei para sair da boate e ir para algum lugar mais calmo.

Fomos para o Arpoador e sentamos nas pedras. Ficamos horas conversando sobre

nossos amores, frustrações e arrependimentos. Nascia ali uma linda amizade. Agora

éramos cúmplices, e me senti segura ao lado dele, para contar tudo que me vinha na

alma.

Depois de um tempo meu celular tocou. Era a Jessie desesperada com o nosso sumiço.

Resolvemos voltar, mas agora o Henrique já estava mais calmo. Ele me deu um longo

abraço e agradeceu pela companhia, e principalmente, pelo apoio que dei a ele.

Chegamos na boate e quase não conseguimos entrar. Era muita gente para pouco

espaço. O Henrique foi direto para sua cabine assumir o comando do som. Fui ao

encontro da Jessie que estava acompanhada do Pedro. Ele era um homem bonito, devia

ter 1m80 de altura, magro, olhos verdes e um charme particular. Ela nos apresentou e

fomos para o camarote. Eu via o brilho nos olhos de Jessie, ela estava realmente

apaixonada. Ele tinha uma frieza no olhar que não dava para saber o que ele pensava ou

pretendia.

Fiquei sentada pensando na minha conversa com o Henrique. De repente, a Laísa

chegou acompanhada de três amigas. Ela estava com a fisionomia triste, mas as amigas

eram tão animadas que seria impossível ela não se divertir. Assim que me viu no

camarote venho me cumprimentar. Me deu um abraço carinhoso e apresentou as

amigas.

Bruna era a mais linda; baixinha, cabelo castanho escuro, pele branquinha e um rosto de

boneca. Magrinha e simpática ela se destacava no meio das três. Já Pâmela era mais

alta, cabelo preto, corpo malhado e um sorriso muito simpático. Para completar o trio a

Carol era a beleza exuberante. Cabelo comprido, sorriso largo e um corpão tipicamente

da carioca.

Elas foram muito simpáticas e me puxaram para a pista de dança. Nos divertimos muito,

e tentávamos fazer a Laísa se esquecer um pouco do rompimento. Mas foi inútil, ela não

parava de olhar para o Henrique, e como era de se esperar, foi atrás dele quando ele

parou de tocar.

Os dois seguiram para o camarote e ficaram conversando. Até que percebi a Laísa

passar chorando em direção à saída. Fui atrás dela, mas ela sumiu no meio da multidão.

Avisei as meninas sobre a partida dela, todas me agradeceram e foram embora também.

Essa é uma das coisas que mais gosto, a solidariedade feminina. Quando somos amigas

de verdade não abandonamos a parceira nunca.

Fui ver se o Henrique estava bem e acabei presenciando algo inesperado. Ele estava no

escritório da boate aos beijos com uma morena que eu nunca tinha visto. Disfarcei e saí

de fininho. Ele percebeu o meu espanto e venho atrás de mim se explicar. Deixei claro

que não o estava julgando e o convenci a voltar para a sala com a morena.

Fui até o camarote e vi Jessie com os olhos vermelhos e chorosa. Ela me confidenciou

que Pedro não se importou com a presença dela e ficou com duas mulheres ao mesmo

tempo. Depois foi embora da boate com uma terceira a tiracolo.

Tentei fazer Jessie perceber a furada, ou melhor, a encrenca que era o Pedro. Ela me

confirmou que sabia, mas que era apaixonada por ele, e não conseguia dizer não quando

ele a procurava. Tentei entender, mas não entrava na minha cabeça uma mulher se

rebaixar tanto, era questão de ter amor próprio. Mas não adiantava naquele momento eu

dar nenhum sermão. Minha amiga só precisava de um colo e ombro amigo. Consegui

convencer Jessie a ir para minha casa, não queria que ela ficasse sozinha naquele

momento.

Resolvemos passar na pizzeria e comer algo. Para nossa surpresa o Pedro estava na

pizzeria com as três mulheres. Ele ria e se mostrava para todo mundo. Não entendia

como uma mulher podia gostar de um tipo como aquele. Ele não tinha nada de bom para

oferecer, quero dizer em essência, porque em dinheiro, ele tinha e até demais.

Chamei a Jessie para ir para casa, mas ela preferiu ficar ali. Pedimos algo para comer,

mas ela não parava de observar o Pedro e suas “amigas”. De repente as três foram



embora e Pedro veio até a nossa mesa. Ele me cumprimentou e falou algo no ouvido da

Jessie. Na mesma hora ela me deu um beijo e foi embora com ele. Fiquei pasma com a

situação. Definitivamente a minha amiga estava fora de si.

Resolvi comer e não me aborrecer, afinal, ela era bem grandinha e vacinada. Quando

estava bem compenetrada com a minha pizza vi o meu ator passar. Ele estava

acompanhado de uma morena muito bonita. Quando ele me viu ficou surpreso. Acenou

e deu um sorriso. Eu retribuí o cumprimento e continuei a comer.

Não demorou muito e ele veio até a minha mesa. Me deu um beijo no rosto, elogiou

minha roupa e disparou seus galanteios. Ele tentou explicar quem era a morena, mas

nem deixei ele concluir. Deixei claro que ele não me devia explicações, que eu tinha

adorado conhecer ele, mas que nossa relação não passaria da amizade. Ele aceitou

minhas condições e seguiu para a morena.

Eu estava sendo sincera, não pretendia ter nada com ele. E mesmo que pretendesse,

naquele momento desistiria. Não estava a fim de ficar disputando com várias mulheres.

Ele era muito charmoso, galanteador e adorável; o típico homem açúcar, ou  
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

seja, tem

várias formiguinhas na cola. Terminei minha pizza e segui para casa. Estava extremamente cansada. Eu precisava me acostumar com a vida noturna. Tomei um

banho e fui dormir.

Despertei no meu jardim. Estava com saudades daquele lugar. Assim que cheguei meu

garotinho veio me receber. Ele me deu um abraço afetuoso e me conduziu para o lago.

Vi que as pessoas estavam todas cantando e dançando. Aquele clima de felicidade me

contagiou. Avistei meu príncipe à minha espera. Ele estava todo de branco, como de

costume, me aguardava ansioso e feliz. Não consegui ver seu rosto, mas dancei por

horas com ele.

O calor do corpo dele me aquecia como mágica. Ficamos rodopiando pelo jardim como

dois bailarinos apaixonados. Não vi a menininha e nem o papai. Depois de dançar,

sentamos numa pedra e conversamos animadamente. Queria ficar ali para sempre, mas

não podia. Sentia que ele estava feliz com minhas atitudes e decisões. E com muita

segurança me despedi do meu príncipe e do garotinho.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Acordei feliz e tranquila. Sempre que sonhava com o meu jardim eu acordava bem, e

certa que algo de importante aconteceria na minha vida. Quando acabei de tomar meu

café o telefone tocou. Meu coração gelou. Fiquei com medo de receber alguma notícia

ruim.

Era a Jessie. Ela estava aflita e chorava muito. Consegui convencer ela de ir para a

minha casa. Quando chegou percebi que ela não havia dormido. Jessie sentou, tomou

um pouco de café e decidi me contar o motivo do meu desespero.

Quando ela seguiu com o Pedro para a casa dele teve uma surpresa terrível. Enquanto

ele tomava uma ducha, a Jessie resolveu bisbilhotar as coisas dele. Como dizia meu pai:

quem procura acha. E o que Jessie achou não foi nada agradável. Ela encontrou um

envelope de exames médicos do Pedro.

Por curiosidade abriu e descobriu que Pedro era HIV positivo. Ele tinha AIDS e nunca

revelou para ninguém. Ela começou a vasculhar a gaveta e achou vários exames. Ele já

estava com a doença há algum tempo, e o pior, transava sem camisinha. Jessie não

conseguiu se controlar, e quanto mais me contava da sua descoberta, mais ela chorava.

Ela esperou Pedro terminar o banho, e pediu uma explicação. Ele, como era de se

esperar, confirmou que tinha o vírus, mas que se tratava, e ainda disse que nunca

obrigara ninguém a transar com ele sem preservativo.

Jessie disse entre lágrimas que se sentiu a pior das criaturas, que naquele momento,

percebeu que Pedro não tinha consideração por ninguém, nem por ele mesmo. Saiu da

casa dele sem dizer nada e veio me ver.

Tentei acalmar a minha amiga, mas a situação era muito delicada. Ela me confirmou

que havia transado com ele algumas vezes sem camisinha. Eu não podia recriminar ela

naquele momento, afinal, o pior já tinha sido feito, apontar o erro seria até desumano da

minha parte.

Eu vivia brigando com minhas amigas, porque sempre uma vinha me contar de um

descuido desses. Eu era rigorosa nesse assunto. Sempre usei preservativo, mesmo com

meu ex-noivo. Teve uma época que resolvemos fazer exames para saber se estava tudo

ok com a gente, e aí paramos de usar camisinha. Mas não demorou a eu exigir que ele

voltasse a utilizar o preservativo, porque ninguém poderia me garantir que ele não

transaria com outra e acabaria por me contaminar.

É inadmissível que as pessoas se arrisquem assim. A AIDS não escolhe suas vítimas.

Não é porque o carinha ou a gatinha tem um corpo e um rostinho saudável que eles

estão livres de ter a doença. A única maneira de evitar essa doença é se prevenindo. Mas

hoje em dia parece que as pessoas não se preocupam tanto. O coquetel de remédios

ajuda a manter o aidético mais tempo vivo, mas não evita que ele transmita a doença, e

muito menos, que se livre da morte pela AIDS.

Fiquei consolando a Jessie e a convenci de procurar um médico e fazer o exame para

saber. Afinal, ela poderia não ter contraído o vírus. Fiz ela tomar um banho, colocar

uma roupa limpa e dormir um pouco.

Me partia o coração ver a minha amiga naquele estado. A pior coisa é ver alguém que

amamos sofrer e não podermos fazer nada para acabar com o sofrimento. Eu só podia

doar meu amor e amizade para ela, e tenho certeza, foi essencial naquele momento.

Essa história da Jessie me fez lembrar que numa das minhas noites de amor com Pablo,

por um descuido, ou sei lá o que, a camisinha estourou. Na mesma hora ele notou e

interrompemos a transa. Mas agora, pensando, fiquei com medo. E se ele tivesse alguma

doença?

Resolvi também me consultar e fazer o exame. Nunca era demais saber se a saúde está

ok. Acabei dormindo também. Quando acordei já era tarde. Chamei a Jessie e fomos à

consulta médica.

O infectologista que nos atendeu foi um amor. Nos deu toda a explicação necessária e

entregou os pedidos de exame para nós duas. Na saída ele aconselhou Jessie a conversar

com o Pedro. Tentar convencê-lo a se cuidar, e não ter mais relações sexuais sem

preservativo. O que ele estava fazendo era um crime.

Deixamos o consultório e fomos direto para o laboratório. A enfermeira colheu nosso

sangue e deu o dia para retirarmos o resultado. Senti que a Jessie estava em choque. Ela

quase não falava, ficava só pensando, às vezes, começava a chorar. Tentei animar a

minha amiga e fomos alugar alguns dvds. Mas não adiantou muito, ela precisava de

mais do que meu colo para melhorar, precisava ver o resultado negativo do seu exame.

Resolvi não ir à boate e liguei para o Henrique explicando a nossa ausência. Dei uma

desculpa qualquer, para variar, ele entendeu e não achou ruim.

Fiz um jantar bem gostoso e chamei Jessie para jantar. Quando entrei no quarto ela

estava parada, olhos fixos na janela e com a intenção nítida de cometer uma loucura.

Sem fazer nenhum movimento brusco, me aproximei dela e a abracei com força. Nesse

momento caímos para trás no chão. Ela percebeu a loucura que iria cometer e desatou a

chorar. Eu não contive a emoção e chorei muito abraçada com a minha amiga.

Naquele momento percebi que fui conduzida por algum anjo a tomar a atitude acertada,

de não gritar, ou fazer qualquer movimento que a assustasse, ou contribuísse para a

queda dela. Naquela hora só consegui rezar em silêncio e agradecer por nenhum

acidente ter acontecido.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Fiquei na sala com a Jessie no meu colo até que ela adormecesse. Não consegui piscar o

olho naquela noite. Fiquei velando o sono da minha amiga, e rezando, para que nossos

exames dessem negativos.

No dia seguinte fomos à praia dar um mergulho. Convenci Jessie que não seria bom

ficar em casa remoendo a situação. Não tocamos no assunto do quase suicídio. Ficamos

na pedra do Arpex meditando, quando avistamos o Henrique no mar.

Como de costume ele estava surfando, e como surfava bem. Jessie me agradeceu pelo

carinho, confessou que nunca tinha recebido tanto amor e apoio de alguém. Os pais dela

eram divorciados, então ela nunca teve uma família estruturada. Os pais viviam em pé

de guerra. Ela decidiu sair de casa cedo e morar fora do país. No fundo ela procurava

fugir da situação problemática que vivia com os pais. Quando voltou para o Brasil foi

morar sozinha, e só visita os pais esporadicamente. Ela me confidenciou que Henrique

sempre foi a sua família, e desde pequena, se identificava com o primo. Realmente, eles

pareciam mais irmãos do que primos.



Assim que o Henrique saiu da água veio falar com a gente. Contou como tinha sido a

noite anterior na boate, e perguntou se eu ia querer me aventurar novamente como

bartender.

Decidi que iria trabalhar só algumas noites no bar. Preferia cuidar da parte

administrativa, organizar as festas e noites da boate. E quando sentisse vontade, daria

uma incerta no bar para fazer meus drinks.

Os dois concordaram prontamente. A gente tinha um funcionário de confiança que

administrava o local, mas era bom um de nós três ficar um pouco em cima, afinal, o

olho do dono que engorda o gado.

Decidimos almoçar juntos. Fomos para o apartamento do Henrique e ele preparou uma

comida deliciosa. Ele fez com tanto carinho que até a Jessie comeu. Depois ficamos

ouvindo música e conversando sobre amenidades.

No fim do dia a Jessie resolveu ir para casa. Não queria deixar ela sozinha. Convenci-a

de irmos para a minha casa. Passamos na casa dela e pegamos algumas roupas para ela

ficar na minha casa por uns dias. Depois tomamos um banho e seguimos para a boate.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Eu não queria que ela fosse, mas ela garantiu que estava bem e que trabalhando iria se

distrair.

A noite estava agradável, e como sempre, a casa estava lotada. Jessie seguiu para o bar e

foi fazer o que mais gostava: preparar drinks. Eu resolvi ficar observando naquela noite.

Fiz um drink sem álcool e fui para o camarote.

Mais tarde vi as amigas da Laísa chegarem. Com a mesma alegria costumeira elas

dominaram a pista de dança. Estava rolando um show com uma banda carioca. Elas

dançavam e cantavam animadas.

Resolvi apelidar elas de As três Marias. Eu gostava da energia delas, da forma como se

divertiam. Quem olhava para aquelas três meninas podia jurar que elas não tinham

nenhum tipo de problemas. Sempre rindo e animadas.

Mas como tudo na vida, ninguém vive um mar de rosas. Quando entrei no toalete

feminino escutei alguém chorando. Bati na porta e perguntei se a pessoa estava bem, se

precisava de ajuda. A porta abriu e vi que era uma das três Marias.

Bruna, a que parecia sempre a mais animada e pronta para curtir a noite, chorava sem

parar. Esperei que ela se acalmasse, e em seguida, perguntei se ela queria falar o motivo

da sua tristeza.

Com sua sinceridade e espontaneidade costumeira me confidenciou que estava

desiludida. O gatinho que ela era apaixonava estava aos beijos com outra. Ela me disse

o quanto sofria por amor, e que sempre que dava uma chance para alguém, era a pessoa

errada.

Não dava para acreditar. Aquela menina, triste e desiludida, era a mesma que me

transparecia tanta felicidade e realização pessoal há minutos atrás. Vendo a fragilidade e

transparência dela, pude perceber como nos escondemos atrás de máscaras, couraças e

escudos para que as pessoas não vejam nossas dores e frustrações.

Levei Bruna para o escritório e conversei com ela. Fiz ela perceber o quanto era

especial, bonita e inteligente. Que não deveria chorar por alguém que não a merecia, e

mais, que não se importava com ela. Bruninha enxugou as lágrimas e me prometeu que

mudaria. Que se valorizaria mais, que não entregaria mais seu coração para qualquer

um.

Fiquei feliz com a reação dela e fomos para a pista de dança. As outras Marias estavam

preocupadas com a ausência de Bruna. Assim que ela voltou, as duas foram abraça-la e

saber o que tinha acontecido.

Fiquei observando aquelas três amigas. Era nítido como elas se amavam, e como uma se

preocupava com a outra. Lembrei da Jessie e da Lígia. Eram minhas melhores amigas,

ou melhor, minhas irmãs. Afinal, irmão a gente não escolhe, mas os amigos sim. Elas

eram definitivamente as minhas irmãzinhas que nunca tive.

Fui ver se a Jessie estava bem. Encontrei a minha amiga sorrindo e preparando seus

drinks. Resolvi ajudá-la. Como nos velhos tempos fizemos nossa performance e nos

divertimos muito naquela noite. Nem parecia que na noite anterior tínhamos vivido

momentos dramáticos. Ficamos rindo e curtindo a noite enquanto trabalhávamos.

Assim que vi as Marias saírem, percebi que a noite tinha acabado. Elas eram o meu

termômetro. Percebi que a Bruninha estava mais animadinha, o que me tranquilizou.

Por algum motivo que não conseguia explicar, eu tinha uma afeição por aquela menina.

De alguma forma, eu me enxergava nela. A partir daquele dia, ela seria a minha

protegida.

O Henrique foi embora com uma loira. Parecia que ele estava se recuperando bem. Mas

cada pessoa tem uma forma de superar os términos. No caso masculino é comum eles

saírem com outras mulheres para esquecerem a ex. Já as mulheres, preferem ficar de

luto e remoer exaustivamente em que ponto da relação elas perderam o controle. E o

pior, o que poderia ser feito para reatar com o ex.

Definitivamente, a mulher é emoção e os homens pura razão. Chamei a Jessie e fomos

direto para casa. Sem parada na pizzeria, queria evitar um possível encontro desagradável com Pedro.

## Capítulo 7

Passados alguns dias, fomos buscar o resultado dos nossos exames. Decidimos abrir

fora do laboratório, afinal, não sabíamos o resultado. Dependendo do que fosse, era

melhor não estar num lugar tão impessoal.

Fomos para as pedras no Arpex. Antes de abrir, eu convenci a Jessie a me acompanhar

numa oração, pedindo luz e auxílio dos nossos anjos protetores. Senti muita paz e

confiança após a oração. Eu abri primeiro o meu exame. Sem muita enrolação rasguei o

lacre e por sorte deu negativo.

A Jessie não conseguia abrir o dela. Resolvi tomar a iniciativa. Rasguei o lacre e com o

coração descompassado li o resultado: negativo. Dei um grito e abracei com força a

minha amiga. Choramos aliviadas. Naquele momento, eu só conseguia agradecer à

Deus por nos abençoar e evitar um mal maior. Decidimos comemorar. Demos um

mergulho e depois seguimos para a Prainha.

Almoçamos no nosso restaurante preferido e curtimos o dia na praia. Fiquei muito feliz

ao ver o alívio e felicidade da minha amiga. Ela me confidenciou que na noite anterior

ligou para o Pedro. Ela queria conversar e alertar ele sobre a loucura que estava fazendo

com a vida dele e das outras mulheres. Mas para surpresa dela, ele concordou que

estava errado e ainda pediu perdão por não ter contado nada. Disse que se sentiu

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

péssimo ao ver o desespero dela na casa dele, e que iria tomar cuidado, evitar ter relação

sem preservativo.

A Jessie sabia que Pedro era imprevisível, mas resolveu acreditar que ele estava

mudado. Mas uma coisa ela sabia, seu amor, paixão ou qualquer tipo de sentimento que

sentia por ele, havia acabado. Agora teria que ficar uns meses sem se relacionar

sexualmente, e fazer um novo exame, só para constatar mesmo que não contraíra o

vírus. Decidi fazer o mesmo.

Quando voltamos para casa, passamos em frente uma associação em Laranjeiras que

cuida de crianças com o vírus do HIV. É um projeto muito bonito e idôneo que trata

com carinho dessas crianças tão abandonadas, e muitas vezes, discriminadas pela

sociedade.

Falei com a Jessie e resolvemos ajudar essa associação. Fomos conhecer o local, vimos

o carinho e dedicação que aquelas pessoas tratavam aquelas crianças. Resolvemos

contribuir mensalmente com uma quantia, e também, com roupas e comidas.

Senti uma alegria, quando percebi que de alguma forma, ajudaria na

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

sobrevivência e

expectativa de uma vida melhor daquelas crianças. É tão bom ajudar as pessoas. A

caridade é sem dúvida o melhor ato de amor. E não precisamos dar muito. Se cada um

ajuda com um pouco a corrente se espalha e todos saem ganhando. A alegria de ver a

felicidade do próximo é um ato de amor e compaixão.

Naquele dia eu me senti plena. Meu dia foi perfeito, e decidi não parar por aí.

Encontraria outra forma de ajudar quem necessitava. Sabia que não poderia abraçar o

mundo, mas algo eu poderia fazer. De repente, senti um sono incontrolável e fui pra

casa descansar.

A Jessie me agradeceu pelo amor e amizade que eu ofereci naqueles dias. Arrumou as

coisas dela e seguiu para casa, aliviada e feliz. Eu deitei na cama e só acordei às dez da

noite. Estava um pouco enjoada, devia ter sido o peixe frito que comi no almoço. Só de

lembrar do peixe meu enjôo aumentou e corri para vomitar. Depois decidi tomar um chá

e ficar em casa naquela noite.

Avisei o Henrique e a Jessie, e fiquei em casa de molho. No dia seguinte acordei mais

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI



enjoadas e vomitando. Me dei conta que minha menstruação estava atrasada. Tudo bem

que eu era desregulada, mas era muita coincidência o atraso e os enjoos matinais.

Resolvi não esperar nada e fui fazer o exame de sangue. Sempre soube que no primeiro

dia de atraso da menstruação a mulher pode fazer o exame de sangue e saber se está

grávida. O resultado ficaria pronto no final da tarde.

Fui caminhar na praia e tomar uma água de coco. No caminho encontrei meus primos,

eles estavam indo surfar. Acompanhei-os e ficamos comentando as últimas notícias da

viagem da vovó. Combinei com eles de ir ao Maracanã ver um jogo do Fluzão. Fazia

tempo que não ia ao estádio, precisava da energia do futebol para ficar mais feliz e

equilibrada.

Na hora marcada fui buscar meu exame. Nem esperei estar num local mais pessoal.

Minha curiosidade era maior que tudo. Como eu desconfiava, o resultado era positivo.

Eu estava grávida do meu argentino.

Eu não sabia se chorava ou se ria. Eu estava feliz, meu sonho era ser mãe. Mas como

contar para o Pablo. E como faria para criar meu filho com um pai aventureiro. Resolvi

pensar um pouco antes de tomar qualquer decisão. Mas de uma coisa eu tinha certeza:

meu filho seria muito amado.

## Capítulo 8

Resolvi ir para meu lugar preferido: o Arpex. Fiquei sentada nas pedras meditando e

tentando colocar minha cabeça em ordem. Resolvi não comentar nada com ninguém por

enquanto, e isso, incluía o pai do meu filho.

Como a vida é engraçada. Meu pai biológico era um fotógrafo famoso e aventureiro.

Hoje eu estou grávida de um também. Será que dessa vez o fotógrafo tomaria jeito e

assumiria a paternidade?

Não queria nem imaginar o assunto, mas pelo que vivi e conheci da essência do Pablo,

difícilmente ele me pediria para abortar. Mas deixei as coisas se acalmarem, queria

primeiro me acostumar com a ideia de ser mãe. Sempre foi meu maior sonho. Mas nos

meus sonhos encantados eu era casada e feliz. Nunca imaginei ser uma mãe solteira.

Eu estava preparada para assumir essa missão. Tinha muito amor para

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

oferecer ao meu

amado filho, ou filha. Fui para casa e comecei a fazer planos na minha cabeça. Nas

semanas que se passaram fiquei imaginando como essa criança seria. Queria que

puxasse o sorriso e jeito espontâneo de Pablo. Se fosse menino, colocaria logo numa

escolinha de surf. E é claro, que ele ou ela, vão ser tricolores. Já fiquei imaginado minha menininha vestida com a camisa do Flu, com certeza não existiria criança mais linda no

Maracanã.

Numa manhã de domingo, despertei dos meus sonhos com o barulho do telefone. Era

minha mãe, querendo saber se estava tudo bem comigo. Ela tinha sonhado que eu estava

precisando de ajuda. Esse lance de intuição materna é realmente poderoso.

Desconversei e tranquilizei Dona Beth. Achei melhor esperar um pouco para dar a

notícia. Sabia que ela voltaria no mesmo instante para o Brasil, mas não queria

interromper as férias da minha mãe. Ficamos algum tempo conversando. Ela me

contava animada os passeios e lugares que tinha conhecido. Senti que minha mãe estava

mais tranquila e feliz.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Fiquei em paz por saber que ela estava bem. E agora, ela seria vovó, ou seja, teria mais

um motivo para sorrir e querer viver muito. Tinha certeza que ela seria uma avó

moderna, dessas que mais parecem a mãe ou tia da criança. Mas amor de avó tinha

certeza que ela daria e muito para meu filho.

Falei um pouco com minha avó, que estava mais do que feliz, com a temporada

européia. Ela parecia uma criança de tão feliz ao contar cada passeio e descoberta que

fazia pelas terras londrinas. Imaginei a alegria da vovó Inês quando soubesse que seria

bisavó. Tinha até medo de ela ter um troço, afinal, já não tinha mais idade para sofrer

tantas surpresas. Me despedi das duas e fui me arrumar para ir trabalhar.

O tempo voou desde o dia que descobri minha gravidez. Já estava entrando no terceiro

mês, e ainda não tinha contado para ninguém. Fui para a boate me distrair e arejar a

cabeça. Quando cheguei vi a Bruninha sentada num canto do camarote. Fui conversar

com ela. Acabei descobrindo que ela estava namorando, e dessa vez, muito feliz. Ela

estava esperando o namorado chegar. As outras Marias chegariam mais tarde, porque

tinham passado no BG para dar uma paquerada. Senti que a Bruna estava radiante.

Me contou animada como conheceu seu namorado, e mais, como descobriu que,

finalmente, estava amando. O nome dele era Renato, estudava com ela na faculdade de

Artes Cênicas. Os dois estavam sempre juntos, aqueles amigos inseparáveis. Renato era

o que chamamos de Don Juan. Bonito, inteligente, carismático e conquistador.

Até que um dia os dois estavam na casa da Bruninha, e entre uma confidência e outra,

perceberam que existia mais do que amizade entre eles. Resolveram se aventurar nessa

relação e descobriram que combinavam mais do que poderiam imaginar. Fazia uma

semana que estavam namorando, e o brilho no olhar da Bruna, denunciava o amor que

ela estava vivendo.

Fiquei feliz por ver minha protegida tão feliz. Resolvi dividir minha felicidade com ela.

Com toda confiança eu contei da minha gravidez. Mas fiz ela jurar que não comentaria

com ninguém, nem com as Marias e nem com o Renato. Ela me abraçou

carinhosamente e me tranquilizou, falando que seria um segredo nosso, pelo menos até

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

todos saberem da novidade.

Conversamos animadamente até a chegada do Renato. Ele era frequentador assíduo da

boate, eu já o conhecia, e sempre simpatizei com ele. Pude ver pessoalmente o amor

daqueles dois jovens. Era um carinho tão grande, uma troca de olhares apaixonados, que

senti falta do Pablo. Como eu queria que ele estivesse ali comigo. Queria poder contar,

olhando nos olhos dele, que eu carregava o fruto do nosso amor. Mas teria que esperar

um pouco por esse momento. Resolvi ajudar a Jessie no bar e deixar os pombinhos a

sós.

Mais tarde as duas Marias e Laísa chegaram à boate. Elas estavam animadas e bem

acompanhadas. Cada uma com um gato a tiracolo, inclusive a Laísa. Me preocupei em

ver se o Henrique estava por perto. Mas ele já tinha percebido a presença da ex. Fui

falar com ele para saber se estava tudo bem. Ele me tranquilizou ao dizer que sentia

alívio ao ver ela com alguém. Ele se culpava por ter feito a Laísa sofrer, e queria muito,

que ela encontrasse alguém bacana e fosse feliz. Mais uma vez me surpreendi com meu

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

amigo DJ. Ele era um homem sensato, sensível e muito íntegro.

Voltei para o bar e as meninas foram me chamar para dançar. Resolvi acompanhá-las

naquela euforia e alegria incontida. Me diverti como nunca. Dancei, pulei, ri, fiz

coreografias com elas. Naquele instante, parecia que só existia a nossa turma na pista.

Nossa alegria era contagiante. De repente, o Dj amigo tocou uma música do Balão

Mágico, bastou para que nos tornássemos crianças novamente. Dançamos abraçados,

parecia que a energia de um passava para o outro. Senti tanta emoção e alegria por estar

ali com eles. E me surpreendi, quando vi o Henrique se juntar a nós naquela festa

particular.

Ficamos todos dançando e brincando até amanhecer. Nem percebemos os clientes irem

embora. Quando a nossa festinha acabou decidimos realizar uma festa temática: O dia

da criança. Seria uma forma de voltarmos na fase mais doce e linda que uma pessoa

pode viver: a infância.

O Henrique pegou uma carona comigo porque estava sem carro. A Bruninha estava um

pouco “alta” e fiquei preocupada dela ir dirigindo daquele jeito para casa. Ofereci

carona para elas, mas ela me tranquilizou, dizendo que iria embora com o Renato. Ele

também tinha bebido bastante, mas eles insistiram que estava tudo bem. Todos iriam

para casa do Renato, ali na Lagoa. Dei uma abraço forte em cada uma das Marias, na

Laísa e no Renatinho. Era uma forma de agradecer pela noite maravilhosa que eles me

proporcionaram. Me senti amada e querida por aqueles jovens, que agora faziam parte

da minha família carioca.

Renato e as meninas entraram no carro e foram embora buzinando e acenando. Eles

estavam bem felizes. Fiquei olhando o carro deles se afastar, e de repente, senti um

aperto no peito, uma vontade enorme de chorar. Devia ser a gravidez. Toda mulher diz

que fica sensível, a alteração hormonal não é fácil. Segui para a casa do Henrique e

depois fui para a minha casa. Demorei um pouco para dormir. Fiquei lembrando a

alegria que havia compartilhado naquela noite com meus amigos.

A vida é tão simples, nós precisamos de tão pouco para ser feliz. Na realidade as



pessoas é que complicam a vida. Basta amar, ser sincero e estar aberto para a vida, que

tudo acontece. A alegria está nas coisas simples, na forma de se doar ao próximo.

Naquela noite, eu senti a doação de amor e alegria de cada um que estava naquela nossa

roda da alegria. Fiquei depois imaginando minha gravidez, a reação das pessoas, e

principalmente, a do Pablo. Acabei adormecendo no sofá da sala.

Acordei um pouco dolorida e corri para meu vomito matinal. Depois abri a porta para

pegar o jornal. Comecei como de costume pela parte de esportes e depois fui ler as

manchetes. Meu coração parou e gelou ao ver a manchete principal: Jovens morrem em

acidente fatal na Lagoa. Não queria saber quem eram os personagens daquela história.

Mas meu coração me obrigou a ler a matéria. Não queria acreditar que eram meus

amigos, meus jovens amigos, aqueles que há horas atrás, estavam ao meu lado rindo na

nossa festinha particular. Não podia ser. Eles estavam tão vivos e felizes. Mas eram

eles. O acidente aconteceu na Lagoa a uma quadra da casa do Renato. Após uma curva

mal feita, ele perdeu a direção e se chocou com o muro de uma escola. Como

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

o carro

estava em alta velocidade, o choque foi fatal. As meninas e o Renato tiveram morte no

local.

Somente uma das jovens, como dizia o jornal, sobreviveu. Chorei muito quando li o

nome da Bruna, ela estava em estado grave num hospital da Lagoa. Não sabia se ficava

feliz ou triste. Na verdade fiquei grata à Deus por ter salvo a minha protegida. Mas a

tristeza por perder meus amigos não me deixava calma. Chorei desesperadamente,

quanto mais me lembrava deles, mais chorava. Pensei na família e nos pais daquelas

crianças, porque para mim, eles eram pequenos adultos, mas com alma de criança.

Eles tinham entre 21 e 24 anos. Estavam começando a vida. De repente, me dei conta de

que a Laísa também tinha morrido. Como avisar o Henrique? Ele iria sofrer muito com

a situação. Também tinha que rezar pela melhora da Bruninha, porque ela estava em

estado grave, e podia não sobreviver. Quanto mais pensava, mais enjoada ficava.

Tomei uma ducha e fui para a casa da Jessie. Ela estava dormindo e ainda não sabia de

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

nada. Ficou chocada como eu, e chorou muito. Ela conhecia aquela turminha há muito

tempo. Resolvemos ir contar pessoalmente para o Henrique. Quando ele abriu a porta,

seus olhos denunciavam que ele já sabia de toda a tragédia. Ele se agarrou a nós duas e

chorou feito uma criança.

Ele não se conformava de perder a Laísa. De saber que aquela menina linda e cativante,

tinha deixado a gente de forma tão brutal. Quando ele conseguiu se acalmar um pouco,

começou a contar como estava feliz por reatar a amizade com ela. Na noite anterior os

dois tinham conversado e se entendido. Ele disse que ela foi compreensiva com a

situação e revelou que podia perder o namorado, mas não queria nunca perder o amigo.

E naquele momento os dois se abraçaram e quitaram suas “dívidas”. Agora eu entendia

porque ele tinha se juntado a gente na roda da felicidade, e sem qualquer clima ruim,

estava dançando ao lado da Laísa.

Decidimos ir ao hospital onde a Bruna estava internada. Quando chegamos, vimos a

família dela aflita e desesperada. A mãe da Bruna me abraçou e chorou muito, quando

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

soube que eu era a Paola, afinal, a Bruna vivia falando de mim para a mãe.  
Senti

naquele momento que o pacote da maternidade não traz só alegrias, mas  
tristeza e dor.

Cuidar de um filho, amar, se sacrificar e, no final, ver seu bebê partir antes de  
você,

deve ser uma dor indescritível. Meu pai sempre falava que não era justo um  
filho morrer

antes dos pais.

Nesse momento, rezei para meu pai e pedi que ele recebesse meus amigos  
queridos. De

alguma forma eu sabia que a vida não acabava, mas continuava em outro  
plano. Então,

meu pai poderia auxiliar meus amigos nessa nova vida. Rezei com emoção e  
fervor, e

senti um calor percorrer meu corpo. Fiquei certa que minha prece havia sido  
atendida.

Depois de saber que a Bruninha estava fora de perigo, resolvemos saber  
notícias das

outras famílias. E o mais doloroso, falar com os pais da Laísa. Henrique  
adorava os pais

e irmão da ex-namorada. Ele não sabia como reagiria ao vê-los num  
momento tão

doloroso e triste. Ele me pediu para ir junto, e lógico, que acompanhei meu  
amigo.

A Jessie não quis presenciar mais uma cena dramática e seguiu para casa. Fui  
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

com

Henrique na casa dos pais da Laísa. Quando chegamos lá uma surpresa maravilhosa nos

esperava: Laísa estava sentada na calçada de casa chorando copiosamente. Ela nos

abraçou com muita força e contou como se livrou da tragédia.

Ela nos disse que quando estava indo para casa do Renato, sentiu uma vontade

incontrolável de ir ao banheiro. Eles pararam num posto de gasolina, e lá, ela viu seu

ficante, um rapaz com quem estava saindo ultimamente. Ele insistiu para ela ir com ele

ver o dia nascer. Depois de muita insistência, ela cedeu e se despediu dos amigos. Ela

desatou a chorar, se sentia culpada por não estar com eles, porque sabia que se estivesse

no carro não teria deixado Renato correr tanto. Eles apelidaram ela de pardal, porque

sempre controlava a velocidade dos carros. Eu a abracei com carinho e tentei confortar

um pouco aquele coração dilacerado.

Nem preciso dizer que Henrique ficou radiante ao saber que Laísa estava viva. Ele

percebeu que a vida estava dando uma nova chance a eles. No momento que achou que

ela havia morrido, sentiu tanta dor e remorso, que não podia imaginar como seguir em

frente. Agora, olhando ela ali, teve a certeza que a amava, e muito. Mas não como

mulher, para casar e levar um relacionamento mais sério. Mas a amava como amiga,

como pessoa, e isso, ele sabia que nunca acabaria.

À noite fomos para o velório dos nossos amigos. As famílias eram amigas e resolveram

velar os três no mesmo local. Foi uma noite longa e dolorosa. Ver aquelas famílias

sofrendo e tendo que enterrar seus filhos de forma tão prematura. De repente, chegou

uma turma de meninos, todos de branco e tocando um violão. Eles fizeram uma mini

seresta para Pamela, Carol e Renato. Tocaram as músicas preferidas deles e no final

rezaram por suas almas. Foi uma cena linda e emocionante.

A mãe do Renato estava muito chocada, então ela levantou silenciosamente e cobriu o

caixão do filho com a bandeira do Flamengo. Em voz baixa, cantou o hino do clube, que

tantas vezes via o filho entoar pela casa. Chorou exaustivamente e saiu da capela.

Eu segui aquela mãe aflita e tentei dar um pouco de conforto para ela. Fiquei sabendo

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

que Renato era seu único filho, e há dois anos, tinha perdido o marido num acidente de

carro. Era muito trágica a história de vida dessa mulher. Perder sua família assim, e ter

que continuar a vida, sem seus homens amados. Mas para minha surpresa ela disse algo

que me tocou:

- Deus sabe o que faz. Ele levou meu menino porque sua missão aqui na Terra chegou

ao fim. Mas tenho certeza que ele continua vivo em outro plano. E agora, está junto do

pai, tenho certeza que eles cuidarão de mim. No dia que acabar minha missão aqui, eles

me receberão com todo o amor e voltaremos a formar nossa amada família. Eu sou

espírita, e a doutrina espírita, me conforta e dá forças para continuar. Hoje meu coração

está sangrando, mas sei que com o tempo a dor se acalmará e saberei como continuar, -

desabafou.

Comecei a chorar, e dessa vez, ela que me consolava com suas palavras e sua fé. Decidi

não adiar mais, e procurar frequentar um centro, ou mesmo estudar mais sobre o

assunto.

Voltei para a capela e fiquei velando meus amigos até de manhã. No outro dia fui para

casa tomar um banho e segui para o cemitério. Os três foram enterrados num cemitério

de jardim lindo, um ao lado do outro. Foi uma cerimônia linda. Me despedi das duas

Marias e do Renatinho. Depois fui direto para o hospital saber notícias da Bruninha.

Soube com alegria que ela já estava no quarto, e que não sofrera nenhuma sequela

grave. Como disseram os médicos, foi um verdadeiro milagre ela escapar ilesa do

acidente. Entrei no quarto e vi minha amiguinha abatida e chorosa. Ela não conseguia

acreditar que tinha sobrevivido e perdido as três pessoas que mais amava. Ela não

conseguia ficar feliz por ter sobrevivido. Só conseguia pensar na tristeza que seria o

mundo sem seus melhores amigos. E o pior, sem seu amor, que ela demorou tanto para

encontrar.

Não sabia o que dizer para confortá-la, só fiquei segurando sua mão e dando meu amor

e amizade. Ela chorava, parava e desabafava. Confidenciou-me que estava planejando

viajar com Renatinho para a Europa. Eles queriam se aventurar, viver aquele

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI



amor de

forma plena e intensa. Ela desatou a chorar. De repente, começou a falar das duas

Marias, suas melhores amigas, e mais, suas irmãs.

Não sabia como continuar sem os conselhos, apoio e amizade, que elas duas davam

sempre. Era uma dor muito grande para minha protegida. De uma só vez, a vida levou

três pessoas importantes e essenciais na vida daquela menina.

Com toda essa tragédia e tristeza acabei me esquecendo da minha gravidez. Os enjôos

continuavam, mas já estava mais acostumada. Resolvi naquela noite contar para a Jessie

e Henrique a novidade. Depois pensaria numa forma de comunicar o Pablo, e então

,saber qual seria a reação do meu amor. Fiquei fazendo planos e tentando descobrir

formas de contar a novidade para todos.

Fazia algumas semanas que não pisava na boate. Na verdade, estava evitando relembrar

da ultima noite mágica, que vivi com meus amigos queridos. Quando pisei na pista um

frio percorreu a minha espinha. Era como se sentisse a presença dos três ali, naquele

momento. E uma sensação de paz e alegria tomou conta do meu coração.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Comecei a

chorar sozinha, mas de alegria, por sentir que meus amigos, onde quer que estejam,

estavam bem e me confortavam. Decidi levantar a poeira e seguir para meu balcão.

Parei e pensei sobre o acidente, sobre a combinação álcool e direção, que nunca acaba

bem. Resolvi fazer um evento na boate para conscientizar a galera. Seria a noite do

carona. Quem estivesse um pouco alterado, ou melhor, que tivesse bebido, teria que

escolher um amigo sóbrio para levar o carro, ou pegar um táxi. Se por algum motivo, o

cliente não tivesse dinheiro para o táxi, uma van da boate levaria as pessoas para casa.

A Jessie e o Henrique adoraram a ideia, e decidimos colocar em breve a novidade em

prática. Eu queria de alguma forma evitar que outros jovens terminassem como meus

amigos. E o que eu pudesse fazer para evitar, eu faria.

## Capítulo 9

Acordei enjoada e sem muita força para levantar da cama. Era o primeiro dia de aula no

meu curso de teatro. Busquei forças, me arrastei até o banheiro, e tomei uma ducha.

Preparei um café da manhã reforçado e segui para minha aula. Estava ansiosa e com

certo frio na barriga. A turma era animada e simpática. Minha surpresa foi a idade dos

alunos, a maioria, tinha entre 18 e 24 anos. Eu seria a tia da turma. Mas mesmo assim

me senti tranquila, estava acostumada a lidar com a juventude.

Assim que cheguei, fui recebida com um sorriso carinhoso por uma colega de turma.

Priscila devia ter uns vinte anos, era loira, cabelo comprido, corpo magro e bem

torneado, uma beleza angelical. Assim que ela se apresentou, percebi pelo sotaque que

era de Minas, mais precisamente, de Belo Horizonte. Identificamo-nos na hora. Depois,

todos da turma foram se apresentando, contando um pouco os motivos de escolher o

curso. Na minha hora não fiquei nervosa, afinal, era jornalista, falar para o público

nunca me intimidou. Fizemos alguns exercícios de expressão corporal. Uma das

vantagens de estudar teatro é isso, você fica conhecendo movimentos e partes do corpo

que nem imaginava existir. Fiquei bem receptiva a aula e a tudo que estava aprendendo.

Depois do intervalo tivemos aula de interpretação. O professor era uma

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

figura. Um

coroa boa praça e que mostrava entender bem do assunto. Fizemos alguns exercícios

para soltar um pouco a voz, e depois, outros mais físicos. Depois ele dividiu a turma em

duplas e improvisamos algumas cenas. Me diverti muito, me surpreendi com minha

desenvoltura e espontaneidade como atriz. Ali, tive certeza que as aulas seriam muito

proveitosas.

Quando terminou a aula fui almoçar com a Pri e mais alguns alunos. Conversamos

animadamente, e percebi, que eles estavam com todo gás para seguir a carreira de

atores. Tinha um aluno, o Renan, que era a cara dos atores que fazem Malhação. Assim

que bati o olho nele percebi que aquele menino, espontâneo e criativo, chegaria às

telinhas em breve.

O tempo estava passando rápido, ainda não tinha contado para o Henrique e Jessie sobre

minha gravidez. Cochilei um pouco no sofá, quando despertei com o som do telefone.

Era a Bruninha querendo saber se podia me visitar. Concordei na hora, afinal, ela estava

com uma voz aflita e parecia precisar de colo. Em poucos minutos ela chegou. Estava

mais magra, com a fisionomia triste e os olhos vermelhos. Me deu um abraço apertado e

sentou no sofá à minha espera.

Não sabia o que dizer, esperei ela começar a desabafar. Não demorou a começar a

chorar e contar o que a estava deixando tão angustiada e aflita. Ela não se perdoava por

não ter se despedido dos seus amigos. Saber que eles tinham sido enterrados, e ela não

estava lá para dar o ultimo adeus. Naquele instante, algo, ou alguém, me iluminou.

Peguei a Bruninha pela mão e saímos. Passamos numa floricultura e depois seguimos

para o Arpoador. Subimos nas pedras e falei para ela se despedir deles simbolicamente.

Ela adorou a ideia. Foi até a beira das pedras, orou em silêncio, e afetuosamente, pela

alma dos seus amados amigos. Depois atirou as três rosas no mar. Nesse instante, uma

brisa gostosa passou pela gente. Era como se eles recebessem e aceitassem aquela

homenagem tão calorosa. Eu e Bruninha choramos, mas dessa vez, de felicidade. Por

um instante, sentimos a presença dos nossos amigos novamente. Descemos

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

das pedras e

demos um mergulho no mar. Não falamos nada, só curtimos o momento e a sensação

maravilhosa de estarmos vivas e protegidas.

Depois do mergulho andamos pela orla e só quando a tarde caiu que voltamos para casa.

Deixei a Bruninha em casa e segui para a minha. Tomei um banho e me preparei para ir

trabalhar. Tinha decidido contar tudo para meus amigos, e só depois, entraria em

contato com o Pablo. Mas o destino estava querendo pregar uma nova peça em mim.

Bastava eu me recuperar de um baque, de uma perda dolorosa, que lá vinha mais. Nem

sei como eu tirava forças para continuar. Só sabia que a vida provava a cada dia que eu

não era aquela mocinha frágil e indefesa, que interpretei por tanto tempo.

Assim que me arrumei o telefone tocou. Atendi tranquila, mas a notícia não era nada

animadora. Não entendia bem o que a pessoa do outro lado da linha falava. Ele me

comunicou num inglês misturado com espanhol que a vida do meu amor chegara ao

fim. Sentei pálida no sofá. Na verdade queria acreditar que tinha ouvido ou traduzido

errado. Mas o amigo de Pablo confirmou o que eu não queria aceitar: Pablo estava

morto! Não consegui pensar em nada, só chorava e soluçava.

Diego me explicou detalhadamente como foi o acidente que vitimou meu amado. Ele

estava num avião monomotor para fotografar um lugarejo no meio da África. Após uma

pane no motor, o piloto teve que fazer um pouso forçado, numa pista improvisada. Na

aterrissagem a fuselagem do avião, muito velho, se rompeu, e o tanque de combustível

pegou fogo. O meu argentino não conseguiu sair da aeronave e morreu sem poder saber

da chegada do seu primogênito.

Fiquei chocada com aquele relato. Só o piloto conseguiu escapar. Como a vida era

injusta. Meu amor morrer assim de uma forma tão trágica. Ele só queria fotografar e

registrar a miséria humana, para ajudar a mudar a situação. E agora estava morto. Não

sabia o que fazer. Foi quando percebi que o Diego continuava a falar. Ele me contava

que Pablo só falava em mim, que encontrou nos pertences dele meu telefone e resolveu

ligar. Ele sabia que Pablo não tinha os pais vivos, e só tinha o meu contato.

Tive que agilizar um contato com a embaixada argentina na África, para dar andamento

no processo de traslado do Pablo. Como ele não tinha um parente próximo, que eu

pudesse contatar , resolvi deixar a embaixada fazer a ponte com a família dele. Deixei

meu contato para uma resposta sobre a família. Decidi embarcar para a Argentina,

precisava receber o meu amor, ou o que restava dele.

Orei muito pedindo à Deus, meu pai e meus anjos protetores, para cuidarem do espírito

de Pablo. Sabia que o espírito quando sofre uma morte trágica e de repente, como a

dele, ficava um pouco confuso, precisando de auxílio para se refazer. Chorei muito

vendo nossas fotos e relembrando cada momento que passamos em Búzios. Não liguei

para ninguém. Estava tão fora de mim que não conseguia pensar em nada, apenas em

viajar e reencontrar meu amor.

Como já era tarde, liguei para o Henrique e expliquei o motivo da minha ausência. Ele

imediatamente largou tudo na boate e foi para minha casa. A Jessie tinha viajado as

pressas para resolver uns problemas dos pais. Ele foi o melhor dos amigos. Me deu

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI



colo, carinho e toda a tenção que eu precisava. Me contou que conhecia aquela minha

rua, e que meu prédio não era estranho. Talvez ele devesse ter brincado lá algumas

vezes, mas não se lembrava nem quando, e nem onde.

Para minha surpresa ele fez uma sopa para eu comer. Depois chegou com alguns dvds e

me convenceu a tentar assistir com ele. Deitei no peito dele, me aconcheguei como uma

criança assustada no colo do pai. Como eu queria o colo do meu pai naquele momento.

Ele sempre conseguia me tranquilizar e fazer enxergar uma possível saída para meus

problemas. Mas esse problema não tinha solução. A morte é o único problema, ou

situação, que não podemos fugir, quando ela vem é certa. Fiquei lembrando do Pablo,

e nem prestei atenção no que se passava na tela da tv. O Henrique foi maravilhoso.

Adormeci nos braços dele e despertei no meu jardim.

Assim que cheguei, notei que o lugar estava mais florido e animado. Não demorou a ver

meu argentino todo de branco, com a aparência ainda mais bonita, me esperando para

um longo abraço. Corri ao seu encontro, e sem pensar em nada, o abracei

demoradamente. Foi tão bom sentir a energia dele novamente. Senti uma paz e uma

alegria infinita. Ele sorriu para mim e me tranquilizou, dizendo que agora estava

realmente vivo, se sentia feliz e completo.

Comecei a chorar, mas de felicidade, por saber que meu amor estava feliz. Não

demorou a avistar meu pai nos observando. Ele estava feliz e contente por me ver. Sabia

que meu amor estaria em boa companhia. Fiquei um pouco com eles conversando

animadamente. De repente, vi a menininha me acenando e sorrindo para mim. Joguei

um beijo para ela e acordei com o som da minha tevê.

Assim que acordei, vi o Henrique na minha cozinha preparando o meu café da manhã.

Resolvi comer tudo, afinal, tinha um bebê para alimentar. Enquanto comíamos eu contei

sobre minha gravidez inesperada. Ele foi super companheiro e solidário com a minha

dor. Ofereceu-se inclusive para registrar e cuidar do meu filho. Não poderia esperar

atitude diferente do meu amado amigo. Agradei, mas não podia tirar a honra do Pablo

de ter o nome dele no registro do nosso filho.

Ficamos conversando quando o telefone nos interrompeu. Era uma senhora argentina.

Ela falava um portunhol compreensível. Soube que era a tia dele, irmã da mãe de Pablo.

Ela estava chorosa e pediu que eu decidisse o que fazer com o corpo de Pablito, como

ela o chamava. Combinei tudo com ela e decidi viajar naquela noite para Buenos Aires.

Como era de se esperar, meu fiel escudeiro me acompanhou em mais um momento

difícil. Naquela noite, eu e Henrique seguimos para a Argentina.

A viagem foi tranquila e consegui dormir todo o trajeto. Acordei já com o avião

aterrissando. Senti um frio na espinha. Lembrei na hora do meu amor, e na forma

trágica como ele morreu. Henrique percebeu minha aflição e apertou bem forte a minha

mão. Ele parecia adivinhar o que eu sentia, e sempre, tomava a atitude acertada para me

ajudar e confortar.

Foi fácil encontrar o endereço de Dona Rosa, a tia-mãe de Pablo. Ela nos recebeu com

muito carinho. Me deu um abraço apertado como se me conhecesse há anos. Ela

confidenciou que minha presença era uma forma de sentir o Pablito mais próximo.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Instalamo-nos na casa dela, afinal, ela nos proibiu de procurar um hotel. Ficamos

conversando horas com Dona Rosa, uma senhora muito agradável e carinhosa.

Ela não conseguiu conter a emoção quando soube que seria tia-avó. Ela me abraçou

demoradamente e me fez jurar que levaria o bebê para ela conhecer. Fiz melhor.

Prometi que a buscaria assim que meu filho nascesse, assim, ela conheceria o Brasil e

acompanharia um pouco da vida de seu netinho.

Depois de almoçarmos fomos até a embaixada e agilizamos tudo. Os restos mortais de

Pablo foram cremados. Ela me entregou a urna com as cinzas do meu amor. Não queria

acreditar que meu argentino tinha se transformado em pó, literalmente. Para onde teria

ido aquele homem adorável, que me conquistou em algumas horas, e me deixou

marcada para sempre com um filho no ventre?

Seguimos para a Bombonera, o estádio de futebol do time de coração do Pablo: o Boca

Juniors. De lá do alto da arquibancada, a tia Rosa chorou comovida, após uma prece

sentida, ela atirou uma parte das cinzas de Pablito. Ela contou que sempre levava o

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

sobrinho nesse estádio para ver o Boca jogar. Ali, os dois viveram muitas alegrias. Era a

forma que ela encontrava de substituir a ausência dos pais dele. Achei uma atitude

muito bonita. Como ela me entregou o resto das cinzas, decidi deixar no nosso paraíso

sagrado: Búzios.

Fomos jantar num restaurante agradável no centro de Buenos Aires. Tia Rosa me

contava detalhes e histórias marcantes da vida do meu amor. Eu ria tentando imaginar

as peraltices de Pablo. Era bom saber como ele cresceu, o que viveu, e como gostava de

passar seu tempo. Essas histórias eu guardaria na memória para recontá-las ao nosso

filho. Era triste imaginar que nosso filho já nasceria órfão de pai. Mas sabia que onde

ele estivesse olharia por nós.

Foi uma noite agradável. Tive a nítida sensação de que Pablo estava ali com a gente.

Podia até sentir o perfume gostoso dele. Ver aqueles olhos brilhantes e atentos. Saber

que ele nunca envelheceria me dava um conforto. Meu homem, meu menino, meu

eterno amor.

Passamos a noite na casa da tia Rosa. Me senti em casa, e dormindo na cama de Pablo,

pude sentir um pouco mais dele em mim. Observei cada detalhe do quarto. Os quadros,

fotos, camisas de futebol penduradas no armário. Mas o que me mais me chamou a

atenção foi um pôster gigante de Búzios. Era como se ele soubesse que lá seria o nosso

paraíso. Que naquele lugar ele conceberia seu filho, que perpetuaria a imagem dele para

sempre. Adormeci relembrando tudo que vivi com meu argentino. O sono foi tranquilo

e feliz.

No dia seguinte tomamos um maravilhoso café da manhã, preparado especialmente por

tia Rosa. Caminhamos um pouco pela cidade e fizemos companhia para aquela senhora

tão amável. No fim da tarde seguimos para o aeroporto. Foi triste a despedida, mas

prometemos manter contato e nos reencontrarmos em breve.

Passei a viagem toda segurando a urna do meu amado. Era como se estivesse com um

tesouro em minhas mãos, e não deixava de ser. Como uma pessoa podia caber ali,

naquele pequeno espaço de cerâmica. Assim que pousamos no Rio, Henrique pegou um

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

táxi e seguimos para Búzios. Agora seria a segunda parte mais dolorosa da viagem:

lançar as cinzas do meu amado no nosso paraíso.

Sem perder tempo, segui para o píer e aluguei um barco. Fui até o nosso restaurante

flutuante e de lá orei pela alma do meu amado. Pedia à Deus que iluminasse Pablo, que

seu espírito continuasse sua evolução, para que um dia nos reencontrássemos no plano

espiritual. Senti que meu argentino estava ao meu lado. Quando lancei suas cinzas ao

mar, uma brisa leve e suave tocou meu rosto. Chorei sem parar. Era ele! Me dando um

gostoso beijo de adeus, ou melhor, até logo. Prometi voltar em Búzios só quando nosso

filho nascesse, assim ficaríamos os três novamente reunidos.

Encontrei com o Henrique na praia, e em silêncio, retornamos para o Rio. A viagem foi

tranquila, mas tudo que eu queria era tomar um banho e dormir muito. E foi exatamente

o que eu fiz. Agradei pela amizade, companheirismo e carinho do meu amigo. Agora

eu sabia que não estava sozinha.

Decidi não avisar minha mãe. Preferia falar pessoalmente, assim não estragaria a

viagem dela. Como não queria que ela voltasse por minha causa, e também não poderia

esconder minha gravidez, tomei uma decisão: iria passar uns meses em Londres.

O Henrique amou a ideia. Afinal, em alguns dias ele iria para Europa fazer o curso de

Dj. Sua temporada seria entre Londres e Alemanha. Decidi embarcar com ele, assim me

sentiria mais protegida. A Jessie ficou triste com a notícia, mas me deu todo o apoio.

Ela arrumaria alguém para ficar nosso lugar enquanto viajávamos. Pensei na Bruninha.

Ela era de confiança, e trabalhar ocuparia o tempo dela, se sentiria mais perto dos seus

amigos no lugar onde eles viveram tantos momentos felizes. Ela aceitou o convite na

hora. Estava decidido. Em poucos dias viajaria para Londres. Minha mãe ficou eufórica

com a notícia, sem saber que mais surpresas a aguardavam.

Tranquei meu curso de teatro e decidi retomar quando meu bebê fosse mais crescidinho.

Me despedi da turma e desejei sorte para todos. A Pri prometeu me visitar assim que eu

retornasse ao Brasil. Eu sentia um carinho inexplicável por aquela mineirinha de fala

mansa. Foi com tristeza que caminhei até a orla e subi nas pedras do Arpex.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI



Por um

tempo teria que me afastar do meu templo meditativo. Me energizei no mar, voltei para

casa e arrumei minhas coisas. Em breve estaria em terras Européias.

Recebi uma ligação da Lúcia se compadecendo da minha perda, e ao mesmo tempo, me

felicitando pela gravidez. Ela era uma amiga e tanto. Sempre perto, mesmo que longe.

Nossa ligação seria eterna. Adormeci pensando na melhor forma de contar para Dona

Beth que ela seria vovó.

## Capítulo 10

Acordei ansiosa, afinal, passaria alguns meses fora, e ainda teria que me acostumar com

a gravidez. Já estava até com uma barriguinha considerável. Decidi que ficaria até

completar sete meses de gestação. Queria ter meu filho no Brasil, assim daria tempo

para mamãe aproveitar um pouco mais sua estadia na Europa. Quando terminei de

colocar minhas malas no táxi, vi uma figura conhecida do outro lado da rua. Era o Paulo

Henrique sorrindo a minha espera. Fiquei sabendo que ele estava de passagem pelo Rio

e resolveu me visitar. Não tive muito tempo para explicar o que estava

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

acontecendo e

nem o motivo da minha viagem. Como ele estava de carro, retirei as malas do táxi e fui

com Paulo para o aeroporto.

No trajeto contei tudo que tinha acontecido nos últimos meses, inclusive a minha

gravidez inesperada. Ele foi solidário, e ficou chocado com a morte trágica do Pablo.

Senti que ele tinha superado nosso rompimento, isso me tranquilizava. Ele me contou

que estava de passagem pelo Rio para fechar um negócio no ramo de turismo. Ele

viajava pelo mundo e trazia novidades para algumas cidades turísticas do país. Era

como um embaixador da diversão. Fiquei feliz ao saber que ele tinha encontrado seu

caminho.

Quando chegamos ao aeroporto ele fez questão de me acompanhar até o embarque. O

Henrique tinha viajado antes, porque já tinha passagem agendada. Mas ele me prometeu

que me buscaria no aeroporto em Londres. Foi até bom eu ter encontrado o Paulo, era

bom ter uma companhia amiga naquele momento. Conversamos sobre tudo, e ele me

garantiu que me visitaria em Londres. Confidenciou-me que estava namorando uma

suíça e que estava muito feliz. Ela morava em Nova York, e sempre que podia, ia visitar

sua amada. Era bom saber que ele também reencontrara o caminho do amor. Na hora da

despedida ele me deu um abraço carinhoso e fez um carinho na minha barriga. Me

desejou sorte e felicidade na nova jornada. Fiquei feliz pelo momento que passamos ali.

Era como se a vida nos presenteasse de alguma forma.

O vôo para Londres foi tranquilo. Assim que cheguei na cidade londrina vi meu fiel

escudeiro à minha espera. Ele estava com um buquê de rosas na mão para me dar boas

vindas. Eu senti tanta alegria ao ver meu amigo, que só conseguia chorar e correr para

abraçá-lo. Quando estava aninhada nos braços de Henrique, parecia que nada poderia

me atingir. Me sentia muito protegida com ele.

Ele me contava animado seus dias no curso de Dj, e as novas técnicas que estava

aprendendo. Também comentou a saudade que sentia de mim e das nossas conversas.

Comentei com ele meu encontro com o Paulo. Ele demonstrou contrariedade, e se não

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

fosse meu amigo, até acharia que estava morrendo de ciúmes. Não dei trela e continuei

contando como foram meus últimos dias no Rio.

Quando chegamos na casa do tio Carlos, minha mãe e a vovó já estavam na varanda a

nossa espera. Desci do carro e corri para abraçar minhas joias na Terra. Elas estavam

eufóricas com a minha chegada e falavam ao mesmo tempo. Quase não tive tempo de

apresentar o Henrique. Ele ficou surpreso com a beleza e jovialidade da minha mãe.

Dona Beth acabava de ganhar mais um admirador. Entramos e fomos recebidos com

uma mesa de café da manhã digna de um rei. Nem preciso dizer que estava faminta.

Meu bebê era guloso, e eu não fazia cerimônia, atacava o que me dava vontade. Mas

não podia descuidar muito da silhueta, então caminhava e fazia hidroginástica.

Minha mãe na hora falou do meu físico. Me achou bem mais gordinha, e perguntou o

motivo do meu desleixo. Resolvi não adiar mais e contei a surpresa. Na hora as duas

choraram, e surpresas, me abraçaram e olharam simultaneamente para o Henrique.

Comecei a gargalhar e salvei meu amigo da situação. Contei toda a minha

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

história

romântica com Pablo, e o final trágico. Elas não sabiam o que dizer. Minha mãe me

abraçou e deu um colo que ninguém poderia me dar. Me senti protegida e segura no

afago de minha mãe.

O Henrique agradeceu o carinho com que foi recebido e seguiu para seu curso. Fiz ele

me prometer que não me abandonaria. E para meu consolo, ele disse que nada no

mundo o faria perder a oportunidade de acompanhar a minha gestação. Eu sabia que

nossa ligação era especial.

Fui passear com minha mãe, avó e meu tio Carlos. Foi uma tarde muito agradável. Era

bom estar com a minha família, me sentia segura e feliz. Fizemos um mini pic nic no

parque. Londres tem os jardins mais lindos que eu já conheci. Ali, sentada naquele

jardim, vendo as pessoas sorrindo e aproveitando o fim de tarde, me lembrei do meu pai

e do meu jardim encantado.

Orei em silêncio e pedi para ele nos acompanhar naquele momento. De repente, minha

mãe começou a chorar e desabafar a falta que ela sentia do meu pai. Da

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

tristeza que era

viver num mundo em que ele não estava. De saber que ele não poderia  
presenciar a

chegada do neto.

Eu tentei tranquilizar a minha mãe, disse do meu sonho, da forma como  
sentia meu pai

vivo e feliz em outro plano. Ela se sentiu mais calma, disse que também  
sonhava com

ele. Contou que sempre que acordava, se sentia mais forte para continuar.  
Ficamos

lembrando de situações que vivemos com ele. Naquela hora, eu tive certeza  
que ele

estava ali, nos abraçando e enviando energias de paz e amor.

À noite resolvi ir com o Henrique no pub que eu trabalhei com a Jessie. Fui  
recebida

com muito carinho pelo dono e os colegas que ainda trabalhavam lá. Foi uma  
noite

muito agradável. O meu amigo me contou seus novos planos, e disse que  
quando

voltássemos para o Rio, iria modernizar nossa boate. Fiquei feliz com o  
entusiasmo

dele, e mais ainda, por saber que pretendia voltar para o Brasil. Não  
suportaria ficar

longe de mais uma pessoa amada. Resolvemos caminhar um pouco pelas  
ruas. A noite

estava tranquila e agradável.

Nos dias que se passaram, me revezei entre a companhia da minha família, e a noite,

saía com Henrique. Já começava a ficar mais barriguda, a dor nas costas e o inchaço, me

fazia sentir mais cansada. Minha mãe e vovó Inês se revezavam para me paparicar.

Parecia que tinha voltado na infância, eu era novamente a princesinha da casa. Sem

contar que o Henrique parecia pai da criança. Vivia me enchendo de presentes e mimos.

Não me deixava ficar até muito tarde na rua, se preocupava com minha alimentação e

saúde.

No dia que Henrique me comunicou que viajaria para a Alemanha, a tristeza tomou

conta de mim. Eu sabia que ele teria que viajar, mas adiava esse momento na minha

cabeça. O alívio que eu tinha, era que ele ficaria fora apenas duas semanas. A maior

parte do curso era em Londres.

Ele me levou para uma tarde familiar no parque, preparou tudo com carinho. Levou

uma cesta cheia de guloseimas, tudo que eu mais gostava. Estendeu uma toalha xadrez e

ficamos sentados na grama, conversando e comendo, animadamente. Era um momento

mágico, meu coração estava feliz e completo. Eu amava o Henrique de forma incondicional. Meu melhor amigo, a pessoa que mais me acalmava e tranquilizava nos momentos difíceis.

De repente, senti um sono incontrolável e adormeci deitada no colo dele. Despertei no

meu jardim mágico. As flores, o perfume, as pessoas, o clima era mais acolhedor. Vi

que minha menininha sorria e me aguardava feliz. Cheguei perto dela e perguntei pelo

garotinho. Ela me confidenciou que ele estava em outro plano, se preparando para uma

nova vida na Terra. Senti uma alegria enorme, era como se agora eu fosse reencontrar

aquele menino tão especial. Ela me deu um abraço gostoso e saiu correndo para brincar.

Notei que meu amado estava nos observando. Ele sorria e acenava para mim. Percebi

que meu pai e Pablo estavam com ele. Dei um sorriso afetuoso e corri para o encontro

deles. Meu pai me garantiu que permanecia ao meu lado e da minha mãe. E o Pablo me

abraçou com carinho, disse que velaria por mim e nosso filho. Senti que estava



protegida.

De repente, todos sumiram, só ficou eu e meu amor. Ele chegou bem perto de mim e se

inclinou para me beijar. Quando finalmente ia ver seu rosto, o Henrique me despertou

com um beijo na testa. Delicadamente ele me acordava, porque a noite já estava

próxima e ele precisava partir.

Aquele sonho mexeu com minha alma e meu coração. Não fiquei triste por despertar, ao

contrário, me sentia segura e feliz. Deixei o meu amigo no aeroporto, com tristeza, me

separei daquele que me mais me fazia feliz. Comecei a pensar em nós dois, na nossa

amizade, companheirismo, e em tudo que já tínhamos passado juntos. Senti um aperto

no peito ao imaginar minha vida sem ele.

E se ele começasse a namorar? E se conhecesse alguém na Europa e decidisse não

voltar para o Brasil? Essas perguntas me incomodavam e demonstravam cada vez mais

o que eu tentava esconder: eu estava perdidamente apaixonada pelo Henrique.

## Capítulo 11

Os dias sem o Henrique me angustiam. Ficava imaginando o que ele estaria  
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

fazendo,

com quem estava saindo. Só de pensar nele com outra mulher, já sentia um aperto no

peito. Definitivamente, eu estava apaixonada, completamente entregue a esse sentimento. Decidi não alimentar esperanças e me preocupar somente com a gravidez.

Minha barriga crescia a cada dia. No dia que meu bebê chutou senti uma sensação

maravilhosa. Nosso primeiro contato. Como era bom saber que em breve ele chegaria

para iluminar e colorir meu mundo. Não quis saber o sexo, queria que fosse surpresa, e

só assim, escolheria um nome para ele. Mas algo me dizia que era um menino. E com

certeza, teria a doçura e beleza do pai.

Estava arrumando a casa quando o telefone tocou. Fazia dias que não tinha notícias do

meu amor. Finalmente ele me ligou, mas a notícia não era nada animadora. Ele me

comunicou todo feliz e entusiasmado, que ficaria por uns meses na Alemanha. Ele havia

recebido uma proposta irrecusável para tocar numa das boates mais tops de lá, e ainda

por cima, seria muito bem remunerado pelo serviço. Não tive escolha, a não ser

parabenizar meu amigo, e desejar boa sorte. Ele me prometeu que estaria ao meu lado

no nascimento do meu filho. Me desejou força e confidenciou que sentia muito a minha

falta. Quando ele desligou, meu coração ficou apertado e não controlei o choro.

Os dias não foram mais os mesmo em Londres. Aquela cidade, que outrora fora o

cenário do meu romance platônico, agora se descortinava como uma cidade fria e cinza.

Decidi voltar para o Brasil, em casa me sentiria mais segura e feliz. Como era de se

esperar, minha mãe e vovó decidiram retornar comigo. Ficamos mais uma semana em

Londres e regressamos para o Rio.

A viagem de volta foi tranquila, apesar do meu barrigão e o inchaço nos pés. Assim que

avistei o Cristo me senti mais feliz e aliviada. De uma forma estranha e muito boa, o

Rio me dava paz, e certeza de estar no caminho certo.

Fomos para a casa da vovó e minha mãe decidiu que ficaria morando lá. Como não

queria contrariar as duas, decidi morar com elas até meu filho estar um pouco crescido.

Na verdade, eu já tinha decidido. Quando meu filho completasse um ano, arrumaria um

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

cantinho só nosso. Mas no começo seria fundamental a ajuda delas para cuidar do meu

pequeno, afinal, eu era mãe de primeira viagem.

Visitei meu amigos cariocas, e fiquei feliz em ver que todos estavam bem. A Jessie

parecia mais apaixonada pela vida, e pelo novo namorado. O nome dele era Julio, um

loiro tipicamente surfista e apaixonante. Ele era uma pessoa calma, que irradiava luz e

serenidade. Finalmente minha amiga tinha acertado. Agora era torcer para que os dois

continuassem felizes.

Nas semanas que se passaram recebi muitas visitas agradáveis. O quartinho do bebê

estava todo decorado, de uma forma simples e bem bonita. Os presentes quase não

cabiam nos armários. Meu filho já era muito amado, mesmo antes de chegar ao mundo.

Numa tarde agradável recebi a notícia que mais aguardava. Meu amor mandou um

cartão postal avisando que dentro de poucos dias retornaria ao Brasil. Meu coração

saltou de tanta felicidade. O tempo que fiquei longe dele foi doloroso. Eu sonhava e

pensava nele todos os dias. Estava cada dia mais apaixonada, quer dizer, eu o amava,

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

era mais do que uma simples paixão. Me sentia plena só de saber que ele existia,

independente dele ficar comigo ou não. Isso é o verdadeiro amor.

Os dias passaram rapidamente, e quando percebi, já estava no último mês da gestação.

Em poucos dias receberia em meus braços o meu grande amor: meu filho. Meus amigos

se revezavam, cada dia um passava às tardes e, às vezes, as noites comigo. Até a Ligia

arrumou uma folguinha para me paparicar. Foi ótimo estar com ela e o Juninho, que a

todo o momento, queria sentir meu pequeno chutando. Sem falar que minha mãe e vovó

Inês estavam mais ansiosas do que eu para a chegada do meu filhote.

No dia que fui para a maternidade senti um aperto no peito. Um misto de ansiedade e

medo. Rezei com toda minha fé para que tudo corresse bem durante o parto, e que nada

de mal acontecesse com meu filho. Pedi que meu pai, Pablo e os espíritos de luz

participassem desse momento, me acalmando e iluminando o médico na hora de fazer

meu parto. Mas o que mais me afligia era não ter meu amigo ali naquele momento tão

importante. Nos últimos tempos, o Henrique foi a força e a segurança que eu precisava.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Ele tinha prometido estar ao meu lado, mas por algum motivo, não estava.

Quando as contrações aumentaram, o médico decidiu seguir para a sala de parto. Pedi

para minha mãe ficar rezando por mim. E que se por algum motivo, tivesse que escolher

entre a minha vida e do meu filho, que não pensasse duas vezes, deixasse meu pequeno

vir ao mundo. Minha mãe me abraçou emocionada e com muito amor me tranquilizou.

Disse que aguardaria por nós dois no quarto. Dei um abraço apertado na vovó, Jessie, e

seguí para dar a luz.

Quando estava fazendo força, para trazer meu filho ao mundo, senti uma mão amiga

segurar minha mão com força e doçura. Não tive dúvidas, era ele. Meu amor, amigo e

fiel escudeiro cumpriu sua promessa. Henrique estava mais lindo do que nunca, seu

sorriso iluminou minha alma, e naquele instante, uma dor indescritível tomou conta do

meu corpo. Ouvi pela primeira vez o choro do meu filho. Foi o momento mais lindo e

iluminado que pude viver. Aquele ser tão pequenininho e frágil, mas que me passava

tanta força, amor e alegria de viver. Era um menino.

Eu sorria e chorava ao mesmo tempo, era muita benção para uma pessoa só.  
Naquele

instante a paz se apoderava de mim. Era como se tudo que passei, os  
momentos tristes e

felizes, não importassem, só ele importava. Meu mundo se completava.  
Olhando para

aquele rostinho dócil e inocente não tive dúvidas, era realmente o menininho  
dos meus

sonhos encantado.

Quando cheguei no quarto minha família e amigos já estavam à minha  
espera. Foi um

dia abençoado e inesquecível. A enfermeira trouxe meu filho para a primeira  
mamada.

Era muito bom ter ele em meus braços. A felicidade de ter um filho, de poder  
amá-lo e

educá-lo para a vida, é uma experiência e responsabilidade única. Sem  
titubear e

espontaneamente disse:

\_ Eu te amo Caíque. Você é o melhor presente que a vida poderia me dar.

Todos ficaram emocionados com aquela cena, mas o Henrique foi o que mais  
se

emocionou. Ele me olhou com lágrimas nos olhos e disse:

—

Eu sabia que era você! A vida é sábia. Agora eu sei porque nunca me esqueci

daquela menininha de olhos doces e ávidos por viver a vida e o amor. Era você o

tempo todo.

As pessoas que estavam no quarto entenderam que aquele era um momento nosso.

Delicadamente saíram e deixaram a gente à sós. Acho que nem nos meus sonhos

mais românticos eu poderia imaginar viver aquela cena, aquela declaração, ou

melhor, descortinar um passado misturado com um presente incerto, e clareando

meu futuro.

Henrique se aproximou de mim, pegou o Caíque no colo e , olhando para meu filho,

demonstrou num sorriso todo o amor que sentia por ele. Naquele momento senti que

minha família se completava. De alguma forma a vida nos juntara. Era ele o meu

amor, aquele que eu nunca conseguia vislumbrar o rosto nos sonhos. Agora tudo

estava claro. Eu, Henrique e Caíque éramos a família que habitava meus sonhos. E a

menininha era a princesinha, aquela que eu tanto sonhei reencontrar, que me guiou

esse tempo todo para que eu finalmente encontrasse meu grande amor.

Nós ficamos em silêncio só curtindo aquele momento, e a sensação de termos

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI



encontrado o verdadeiro significado do amor. Quando a enfermeira entrou para

buscar o Caíque, o Henrique deu um beijo na testinha dele e veio ao meu encontro.

Agora estávamos sozinhos, nada e nem ninguém poderia adiar aquela conversa. Ele

me abraçou e olhando nos meus olhos disse o quanto me amava, e que esse sentimento não podia mais ser sufocado. Eu só consegui falar que sentia o mesmo.

Beijamos-nos apaixonadamente. Agora eu sabia que ficaríamos juntos, que o amor

puro e verdadeiro se materializava na minha vida.

Depois que todos foram embora, o Henrique se prontificou a passar a noite como

meu acompanhante. Minha mãe que não era boba, percebeu a situação e o clima de

amor entre nós, e concordou. Foi um dia de muitas surpresas e bênçãos para mim.

Só podia agradecer à Deus e retribuir ao mundo toda a felicidade que estava sentindo.

Foi uma noite tranquila e de muitas revelações. Eu não sabia que o Henrique já

desconfiava que me conhecia. Ele me relatou que quando foi me visitar na casa da

minha avó, ficou com a sensação de já ter ido naquele prédio. Quando ele

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

conheceu

a vovó em Londres, não teve dúvidas de que a conhecia também. Com o tempo, as

lembranças da infância foram retornando à cabeça dele, foi quando ele se lembrou

de onde conhecia minha avó. Ela era a vizinha da vó dele. Ele brincava no prédio da

vovó sempre que a mãe dele saía para trabalhar. E foi lá que ele conheceu a doce

menininha, que nunca saiu do coração e das lembranças dele. Eu era a garotinha que

ele tanto amou na infância. Logo, ele era meu primeiro amor, meu curumim. Ele era

o Caíque!

Nós choramos feito duas crianças que recebem de volta seu brinquedo preferido. A

vida me devolveu o meu primeiro, e agora, único e eterno amor. Nunca tinha reparado que Caíque era o apelido de Carlos Henrique. E também, nunca poderia

imaginar que meu amigo era o meu namoradinho de infância, e que se chamava

Carlos Henrique.

Ele me mostrou a identidade, e quando li, Carlos Henrique, meu coração saltou de

alegria. Não havia mais dúvidas. Nós finalmente nos reencontramos, e agora,  
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

nem o

pai dele e nem ninguém poderia impedir o nosso amor. Naquela noite,  
adormeci

abraçada ao meu amor, com muita felicidade e paz no meu coração. Num  
único dia

recebi meu filho e meu marido de uma só vez.

...e vivemos felizes pela eternidade.”



## **PERIGOSAS - SIMI - Apollymi**

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Mais um capítulo lindo da minha vida ficava para trás. Agora nada mais me prendia a](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)